

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS

**A VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NA FALA DOS
MORADORES DO MUNICÍPIO DE TEFÉ - AM**

MANAUS-AM
2020

ANA DE NAZARÉ EGAS PRAIA

**A VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NA FALA DOS
MORADORES DO MUNICÍPIO DE TEFÉ - AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo

MANAUS-AM
2020

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P898o Praia, Ana de Nazaré Egas
A variação do objeto direto anafórico na fala dos moradores do município de Tefé - AM / Ana de Nazaré Egas Praia . 2020
97 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Orlando da Silva Azevedo
Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas.

1. sociolinguística . 2. objeto direto anafórico. 3. fala . 4. tefeense.
I. Azevedo, Orlando da Silva. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

ANA DE NAZARÉ EGAS PRAIA

**A VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NA FALA DOS
MORADORES DO MUNICÍPIO DE TEFÉ – AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo.

Aprovado em: 04/03/2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo – Presidente

Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Raynice Geraldine Pereira da Silva – Membro

Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dra. Hydelydia Cavalcante de Corrêa – Membro

Universidade Federal do Amazonas

Suplente: Prof. Dr. Mateus Coimbra de Oliveira

Suplente: Prof. Dr. Carlos Antônio Magalhães Guedelha

MANAUS-AM
2020

DIDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus pais: João e Lúcia; aos meus irmãos Sebastião, Carlos, Luciana, Luciene, Luciety, Luciely, Lucileide e Luana. Vocês são a razão do meu desejo de vencer.

AGRADECIMENTOS

A Deus por me fortalecer em cada obstáculo da vida e por abençoar os meus sonhos.

À minha família, pelo amor, carinho, pelo apoio em todas as minhas escolhas e pelo incentivo em todos os momentos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo, pela paciência, por ter acreditado no meu projeto e pela humildade e sabedoria ao me orientar.

Aos membros da banca, pelas valiosas contribuições para a melhoria desta dissertação.

A todos os informantes da minha pesquisa, pela confiança e disponibilidade em compartilhar suas histórias de vida comigo. Vocês foram essenciais na constituição do corpus da pesquisa.

À professora Flávia Martins por mostrar-me o caminho da Sociolinguística Variacionista, por suas observações criteriosas desde a minha apresentação no Seminário de Metodologia em março 2019. Sou grata também pelas suas aulas significativas de sociolinguística.

Ao meu namorado Magiles Macêdo, pelo apoio em toda fase da pesquisa e pela compreensão nas horas de ausência.

Aos meus novos amigos Alessandra Vasconcelos e Camilo Martins por compartilharem comigo os meus momentos de preocupações e as palavras de conforto.

À minha amiga Andreza Nunes pela motivação e por estar comigo no momento que eu mais precisei.

Ao meu Tio Paulo Egas e a sua esposa Elem Silveira, pela estada em sua residência durante esse período de formação.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas pelo apoio financeiro.

À Universidade Federal do Amazonas (UFAM), por me permitir subir mais um degrau.

Enfim, a todos que contribuíram para a concretização de mais uma conquista, o meu sincero agradecimento.

[...]

A língua falada a que nos temos referido é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social, do tipo comunicação face a face. É a língua que usamos em nossos lares ao interagir com os demais membros de nossas famílias. É a língua usada nos botequins, clubes, parques, rodas de amigos; nos corredores e pátios das escolas, longe da tutela dos professores. É a língua entre amigos, inimigos, amantes e apaixonados.

Fernando Tarallo

RESUMO

A presente pesquisa quantitativa analisou o uso do objeto direto anafórico na fala dos moradores do município de Tefé - AM. Além disso, na fala tefeense, foram descritas as variantes do objeto direto anafórico; identificados os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciaram as ocorrências das variantes do objeto direto anafórico; e o falar tefeense foi caracterizado pela apropriação mais expressiva de uma das variantes do objeto direto anafórico. A pesquisa se baseou na Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008 [1972]). Participaram deste estudo, 12 informantes pertencentes a três faixas etárias: I (18 – 35), II (36 - 55) e III (56 em diante). Em cada faixa etária, havia 2 informantes de ambos os sexos, masculino e feminino, e pertencentes a dois níveis de escolaridade (com 4 a 8 anos de escolarização e com 9 a 11 anos de escolarização). Na análise dos dados, foram levados em consideração os condicionadores linguísticos (animacidade do referente, flexão verbal de número) e extralinguísticos (idade, sexo e escolaridade). Os resultados deste trabalho mostram que a variante *clítico acusativo* está em desuso na fala da comunidade investigada. Por outro lado, o *objeto nulo* (*ausência do objeto direto*) foi a forma mais incidente em todos os grupos de fatores, tanto linguísticos, quanto extralinguísticos; enquanto o *pronomes lexical* (*ele[s]/ela[s]*) foi a segunda opção de retomada do objeto direto anafórico, e o *sintagma nominal* (repetição do SN pleno) obteve um menor percentual em todos os contextos.

Palavras-chave: Sociolinguística. Objeto Direto Anafórico. Fala Tefeense.

ABSTRACT

The present quantitative research analyzed the use of the direct anaphoric object in the speech of the residents of the municipality of Tefé - AM. In addition, in Tefeense speech, variants of the anaphoric direct object were described; the linguistic and extra-linguistic factor groups that influenced the occurrences of the anaphoric direct object variants were identified; and the Tefeense speech was characterized by the most expressive appropriation of one of the variants of the anaphoric direct object. The research was based on the Theory of Variation and Linguistic Change (LABOV, 2008 [1972]). Twelve informants participated in this study belonging to three age groups were selected: I (18 - 35), II (36 - 55) and III (56 onwards). In each age group, there were 2 informants of both genders, male and female, belonging to two levels of education (with 4 to 8 years of schooling and with 9 to 11 years of schooling). In the analysis of the data, linguistic conditioners (referring animacy, verbal inflection of number) and extralinguistic conditions (age, sex and education) were taken into account. The results of this work show that the accusative clitic variant is in disuse in the speech of the investigated community. On the other hand, the null object (absence of the direct object) was the most incident form in all groups of factors, both linguistic and extralinguistic; while the lexical pronoun (he, she, it, they) was the second option of resuming the anaphoric direct object, and the nominal phrase (repetition of the full SN) obtained a lower percentage in all contexts.

Keywords: Sociolinguistics. Direct Anaphoric Object. Speak Tefeense.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa Do município de Tefé	54
Figura 2 Porto da cidade de Tefé	55
Figura 3 Aeroporto da cidade de Tefé	55
Figura 4 Praça e igreja de Santa Tereza padroeira da cidade Tefé	59
Figura 5 Seminário São José na cidade de Tefé	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Classificação dos pronomes pessoais	27
Quadro 2 Exemplos das variantes do objeto direto anafórico na pesquisa de Correa (2014)	43
Quadro 3 Exemplos das variantes do objeto direto anafórico na pesquisa de Duarte (1986)	44
Quadro 4 Exemplos das variantes do objeto direto anafórico na pesquisa de Neiva (2007)	45
Quadro 5 Exemplos das variantes do objeto direto anafórico na pesquisa de Silva (2004)	47
Quadro 6 Exemplos das variantes do objeto direto anafórico na pesquisa de Luz (2009)	50
Quadro 7 Trabalhos sobre o objeto direto anafórico no Português do Brasil	50
Quadro 8 Realizações do objeto direto anafórico em alguns Estados brasileiros	51
Quadro 9 Códigos e perfis dos informantes	52
Quadro 10 Corpus classificados para análise	53
Quadro 11 Variáveis controladas	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Objeto direto em referência anafórica em Salvador	47
Tabela 2 Variação do objeto direto anafórico na fala tefeense	66
Tabela 3 Realização do objeto direto anafórico nas pesquisas de Duarte (1986) e Matos (2005)	68
Tabela 4 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável faixa etária.....	69
Tabela 5 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável sexo	71
Tabela 6 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável escolaridade.....	73
Tabela 7 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável animacidade do referente.....	76
Tabela 8 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável flexão verbal de número	78
Tabela 9 Frequência de probabilidade da variante objeto nulo, segundo a variável idade	80
Tabela 10 Frequência de probabilidade da variante objeto nulo, segundo a variável animacidade do referente	81
Tabela 11 Frequência de probabilidade da variante objeto nulo, segundo a variável animacidade do referente	81

LISTA DE GRÁFICOS

Tabela 1 Objeto direto em referência anafórica em Salvador	47
Tabela 2 Variação do objeto direto anafórico na fala tefeense	66
Tabela 3 Realização do objeto direto anafórico nas pesquisas de Duarte (1986) e Matos (2005)	68
Tabela 4 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável faixa etária	69
Tabela 5 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável sexo	71
Tabela 6 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável escolaridade	73
Tabela 7 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável animacidade do referente	76
Tabela 8 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável flexão verbal de número	78
Tabela 9 Frequência de probabilidade da variante objeto nulo, segundo a variável idade	80
Tabela 10 Frequência de probabilidade da variante objeto nulo, segundo a variável animacidade do referente	81
Tabela 11 Frequência de probabilidade da variante objeto nulo, segundo a variável animacidade do referente	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E O FENÔMENO EM VARIAÇÃO.....	18
1.1 PERCURSO DA ORIGEM DA SOCIOLINGUÍSTICA	18
1.1.1 O ENCONTRO DE MAIO DE 1964: MARCO DA SOCIOLINGUÍSTICA	19
1.1.2 AS PESQUISAS DE WILLIAM LABOV	20
1.1.3 CONHECENDO ALGUNS TERMOS DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	21
1.1.4 COMUNIDADE DE FALA	23
1.2 CONCEITUANDO ANÁFORA	25
1.2.1 CLASSIFICAÇÃO DO OBJETO DIRETO EM ALGUMAS GRAMÁTICAS NORMATIVAS	26
1.3 TRABALHOS SOBRE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ESTADO DO AMAZONAS	29
1.3.1 Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM).....	29
1.3.2 Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas).....	29
1.3.3 O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas	30
1.3.4 Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM	30
1.3.5 Apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio na fala envirense	31
1.3.6 Aspectos dialetais do Médio Amazonas: um estudo sobre o léxico.....	31
1.3.7 O comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ no falar manauara.....	32
1.3.8 Variação morfossintática na Zona Leste de Manaus: um estudo Geossociolinguístico	32
1.3.9 A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá.....	32
1.3.10 Análise Fonético-fonológica das vogais pretônicas na fala de Manaus .	33
1.3.11 O falar do caboclo amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves.....	33
1.3.12 Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves	34
1.3.13 A realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves	34
1.3.14 Descrição da nasalidade na comunidade do Andirá, no município de Barreirinha	34
1.3.15 A realização da fricativa glotal na fala manauara.....	35
1.3.16 Entoação das frases declarativas e interrogativas totais no português falado em Maués, no Amazonas	35
1.3.17 Interferência na fala e na escrita de alunos do ensino médio: Descrição e análise de usos de Monotongação e de Apagamento do [R] final	36

1.3.18	A nasalização variável de vogais na fala manauara.....	36
1.3.19	A alternância Tu/Você/Senhor no município de Tefé - Estado do Amazonas	36
1.3.20	O gerúndio na expressão de tempo futuro na diversidade do português do manauara	37
1.3.21	Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): Um estudo dialetológico.....	37
1.3.22	Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do Estado do Amazonas: Um estudo de Geolinguística.....	37
1.3.23	O falar do "caboco" paraense: Um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (Baixo-Amazonas-PA).....	38
1.3.24	Atlas dos falares do Baixo Amazonas – AFBAM.....	38
1.3.25	Justiniano (2012) Atlas linguístico dos falares do Alto Rio Negro – ALFARiN;	38
1.3.26	Atlas morfossintático da microrregião do Madeira – AMSIMA;.....	39
1.3.27	As vogais médias pretônicas no falar de Manaus.....	39
1.4	O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO EM PESQUISAS REALIZADAS NO BRASIL.....	39
1.4.1	Objeto direto anafórico no Português Brasileiro	42
2.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	52
2.1	O CORPUS	52
2.1.1	O Locus da pesquisa	53
2.1.2	Envelope de variação	61
2.1.3	Condicionadores linguísticos e extralinguísticos	62
2.2	DIÁRIO DE CAMPO	64
3	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	66
3.1	A VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NA FALA DOS MORADORES DO MUNICÍPIO DE TEFÉ.....	66
3.1.1	OS CONDICIONADORES EXTRALINGUÍSTICOS.....	68
3.1.1.1	O objeto direto anafórico conforme a faixa etária do informante	69
3.1.1.2	O objeto direto anafórico conforme o sexo do informante	71
3.1.1.3	O objeto direto anafórico conforme escolaridade.....	73
3.1.2	OS CONDICIONADORES LINGUÍSTICOS.....	75
3.1.2.1	O objeto direto anafórico conforme animacidade do referente.....	76
3.1.2.2	O objeto direto anafórico conforme a variável flexão verbal de número	78
3.1.3	FREQUÊNCIA DE PROBABILIDADE DA VARIANTE SEGUNDO A VARIÁVEL ‘OBJETO NULO’ SEGUNDO A ANIMACIDADE DO REFERENTE.....	80
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	86
	APÊNDICE I – ROTEIRO PARA ENTREVISTA NA COMUNIDADE TEFEENSE	91
	APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	93

APÊNDICE III – FICHA DO INFORMANTE	95
--	----

INTRODUÇÃO

A sociolinguística estuda a relação entre língua e sociedade. Essa ciência procura explicar a variação e a mudança linguística como fenômenos que não acontecem aleatoriamente, pois são influenciados por fatores externos à língua e internos (na língua). Portanto, o processo de variação e mudança linguística é natural, ocorrendo em todas as línguas existentes no mundo e em diferentes componentes gramaticais, tais como: no fonético-fonológico, no morfológico, no morfossintático, no sintático, no semântico-lexical e no discursivo. Para os propósitos desta pesquisa, foi escolhido o componente sintático e a variável *objeto direto anafórico*, que pode se realizar na fala como: clítico acusativo, pronome lexical, objeto nulo e sintagma nominal. Os dados coletados sobre o objeto direto anafórico na fala dos moradores do município de Tefé (AM) foram analisados à luz da Teoria da Variação e Mudança linguística (LABOV (2008 [1972])), e os seguintes grupos de fatores linguísticos foram controlados:

- a. animacidade do referente (em termos gramaticais, é a propriedade dos substantivos que consiste na oposição básica em algumas línguas, por exemplo, entre animado (homem, animal, etc.) e inanimado (objeto, planta etc.);
- b. flexão verbal de número (singular e plural).

Além dos fatores linguísticos, foram controlados também os fatores extralinguísticos:

- c. faixa etária (três faixas etárias: de 18 a 35 anos; de 36 a 55 anos; e de 56 anos em diante) ;
- d. sexo (homem e mulher);
- e. escolaridade (duas escolaridades: de 4 a 8 anos de escolarização; e de 9 a 11 de escolarização).

A maioria das gramáticas normativas recomendam que somente os pronomes do caso reto (*ele[s]/ela[s]*) exerçam função de sujeito, enquanto os pronomes oblíquos (*a, o, as, os*) exercem função de complemento verbal (SACCONI,1999; CUNHA e CINTRA, 2013). Entretanto, algumas pesquisas linguísticas apontam que a variação do objeto direto anafórico é mais um dos fenômenos variáveis no Português do Brasil, especialmente na fala. Por exemplo, para a construção frasal “*Você viu o Pedro hoje?*”, segundo Bagno (2004), podem-se encontradas as seguintes opções de respostas:

- i) com o pronome oblíquo que daqui por diante é mencionado com a nomenclatura de ‘clítico acusativo’ [*Hoje não, eu O vi ontem*];

ii) com o pronome do caso reto que também receberá novo rótulo de ‘*pronome lexical*’ [Hoje não, eu vi **ELE** ontem];

iii) com o ‘objeto nulo’ [Hoje não, eu vi \emptyset ontem.];

iv) com o ‘*sintagma nominal*’ [Hoje não vi Pedro, eu vi Pedro ontem.].

Vale ainda mencionar que essas variantes não acontecem de forma livre e espontânea, mas existem fatores linguísticos e sociais condicionando o uso delas.

Diante da descrição do fenômeno, a pesquisa objetivou:

Analisar as ocorrências do objeto direto anafórico na fala dos moradores do município de Tefé-AM, contribuindo, dessa forma, com a descrição do Português falado no Estado do Amazonas.

Para o cumprimento do escopo principal, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

Descrever as variantes do objeto direto anafórico na fala tefeense;

Identificar os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos que influenciam as ocorrências das variantes do objeto direto anafórico na fala tefeense;

Caracterizar o falar tefeense pela apropriação mais expressiva de uma das variantes do objeto direto anafórico.

Nesta pesquisa, foram feitas as seguintes indagações: quais são as variantes do objeto direto anafórico na fala tefeense? Quais são os grupos de fatores linguísticos ou extralinguísticos que favorecem ou desfavorecem o uso das variantes do objeto direto anafórico na fala tefeense? As possíveis respostas foram encontradas na execução final do trabalho. Em se tratando das hipóteses, foram formuladas as seguintes: as variantes *clítico acusativo*, *pronome lexical*, *objeto nulo* e *sintagma nominal* co-ocorrem na fala dos tefeenses. Pretendeu-se encontrar na presente investigação as quatro variantes do objeto direto anafórico, já identificadas nos resultados de pesquisas realizadas em outras regiões do Brasil sobre esse fenômeno linguístico. Outra hipótese levantada foi a de que o uso das variantes do objeto direto anafórico na fala do tefeense tem motivações internas e externas à língua. Era esperado que os condicionadores linguísticos (*animacidade do referente* e *flexão verbal de número*) e os condicionadores extralinguísticos (*idade, sexo e escolaridade*) fossem de fato significativos para a escolha das variantes do objeto direto anafórico na comunidade investigada.

Quanto à estrutura, a dissertação está organizada da seguinte maneira para melhor compreensão do fenômeno investigado:

Pela Introdução, em que é descrito o fenômeno investigado e a abordagem teórica adotada para a descrição, discussão e análise dos dados.

Pela Fundamentação Teórica, em que é detalhada a abordagem Sociolinguística como área de investigação linguística, e é feita a revisão bibliográfica sobre a classificação do objeto direto em algumas gramáticas normativas (BECHARA, 2009; CUNHA E CINTRA, 2013; CIPRO NETO E INFANTE, 1998; LUFT, 2000; ROCHA LIMA, 1994; SACCONI, 1999). E para finalizar o capítulo, é feita a revisão bibliográfica sobre pesquisas linguísticas realizadas no Estado do Amazonas e sobre pesquisas, que têm como foco o objeto direto anafórico no Português do Brasil (*clítico acusativo, pronome lexical, objeto nulo e sintagma nominal*).

Pelos Procedimentos Metodológicos da Pesquisa, nos quais são apresentados os aspectos metodológicos, a descrição do o *corpus* da pesquisa, a história da comunidade linguística investigada e o envelope de variação, em que são apresentadas as variáveis dependentes e as variáveis independentes.

Pela Apresentação e Análise dos Dados, em que são discutidos os resultados alcançados na pesquisa, e analisada a ocorrência de cada variante para, em seguida, relacioná-las com os fatores linguísticos e extralinguísticos.

Pelas Considerações Finais, em que são retomados, de forma breve, os resultados da pesquisa na correlação com as hipóteses formuladas e com os objetivos propostos.

Pelas Referências, em que são descritas as obras utilizadas no corpo desta dissertação. Na sequência, estão descritos os Anexos e Apêndices utilizados na execução da pesquisa.

Esta pesquisa foi submetida ao comitê de ética da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, encontrando-se em processo de análise. Além disso, a realização desta pesquisa foi necessária, pois o conhecimento da realidade linguística da Amazônia brasileira pode resultar em políticas educacionais para melhorar a qualidade do ensino de língua portuguesa na educação básica, no Estado do Amazonas.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E O FENÔMENO EM VARIAÇÃO

Neste capítulo, são abordados os seguintes tópicos: a origem da Sociolinguística, como investigação científica; a classificação do objeto direto em algumas gramáticas normativas selecionadas; e as ocorrências do fenômeno do objeto direto anafórico no Português do Brasil.

1.1 Percurso da origem da Sociolinguística

As abordagens linguísticas do século XIX e do início do século XX (estudos histórico-comparativos, neogramáticos, estruturalismo e gerativismo) tinham uma teoria de linguagem peculiar, ou seja, cada uma estudava o fenômeno linguístico que melhor convinha com seus interesses de investigação. De acordo com Alkmin (2001, p. 22) “[...] em cada época, as teorias linguísticas definem, a seu modo, a natureza e as características relevantes do fenômeno linguístico. E, evidentemente, a maneira de descrevê-lo e analisá-lo”. Coelho *et al.* (2015, p. 57) afirmam que

Tanto a abordagem neogramática como a estruturalista saussureana e a gerativista concebiam seu objeto de estudo como uma entidade homogênea. Além do mais, a relação desse objeto com a sociedade que dele fazia uso era considerada algo teoricamente irrelevante ou, até mesmo, intangível. Havia, porém, pesquisadores que, diferentemente de Paul, Saussure e Chomsky, postulavam uma concepção efetivamente social de língua.

Apesar de o estruturalismo e gerativismo não considerar a variação em suas análises, porque esse não era o objeto das suas pesquisas, muitos estudiosos antes mesmo de Labov já se preocupavam em relacionar tais termos e, por isso, merecem destaque. Para Alkmin (2001, p. 22):

Não caberia, aqui, enumerar todos esses estudiosos, mas uma breve referência a alguns nomes, ligados ao contexto europeu, impõe-se: Antoine Meillet, Mikhatil Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benveniste e Roman Jakobson.

Esses autores são fundamentais quando se trata de relacionar língua e sociedade e podem ser considerados precursores da abordagem sociolinguística. Nesse caminho, desde a origem da linguística moderna, as teorias linguísticas, segundo Calvet (2002, p. 17), tomavam dois caminhos diferentes:

[...] um discurso de caráter estrutural e insistindo essencialmente na forma da língua, outro discurso que insistia em suas funções sociais. E, durante quase meio século, esse dois discursos vão se desenvolver de modo paralelo, sem nunca se encontrar.

Isso só foi possível porque o próprio programa de investigação da linguística do século XIX excluía toda consideração de carácter social no entendimento de como as línguas funcionam.

1.1.1 O encontro de maio de 1964: marco da Sociolinguística

Aos poucos essa corrente (sociolinguística) vai ganhando forças de modo que, conforme Calvet (2002, p. 28), nos dias “11 a 13 de maio de 1964, por iniciativa de William Bright, 25 pesquisadores se reuniram, em Los Angeles para uma conferência sobre a sociolinguística”. Bright então ficou responsável em organizar e publicar os trabalhos da conferência que recebeu o nome de “Sociolinguistic”. Calvet (2002, p. 29) também afirma que William Bright:

[...] se encarregará da publicação das atas, tenta em sua introdução sintetizar essas diferentes contribuições. Ele nota, já de principio, que a sociolinguística “não é fácil de definir com precisão”. Seus estudos, ele acrescenta, dizem respeito às relações entre linguagem e sociedade, mas essa definição é vaga, e ele então esclarece que “uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas”.

Em 1966, Labov recebeu um convite do seu professor Weinreich para escrever um trabalho para ser apresentado em um simpósio nos Estados Unidos com o título “Direções para a Linguística Histórica”, cuja afirmação pode ser comprovada no depoimento de Labov (2008, p. 15):

Em 1966, Weinreich propôs a Marvin Herzog e a mim que escrevêssemos juntos um ensaio sobre os Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística, para uma conferência na Universidade do Texas. Tal como finalizamos. Aquele artigo incorporou os resultados do meu próprio trabalho em Nova York e em Martha’s Vineyard, as descobertas de Herzog sobre a dialetologia do iídiche no norte da Polônia e a visão global de Weinreich, que criou o atlas linguístico e cultural dos judeus e asquenazes. Tudo isso foi encaixado numa visão mais ampla da história da linguística, que foi produto exclusivo da erudição de Weinreich.

O objetivo desse debate entre Weinreich, Labov e Herzog sobre as investigações da mudança linguística, segundo Coelho *et al.* (2015, p. 57) “[...] era propor um novo conjunto de fundamentos para o estudo da mudança”. Vale dizer que esses autores além de apresentar as suas pesquisas aproveitaram algumas ideias dos movimentos neogramáticos, estruturalistas e gerativistas, portanto, os linguistas não excluíram totalmente as propostas dos movimentos supracitados, mas selecionaram alguns pensamentos que contribuíram para as suas teorias.

Dentro da sociolinguística existe área de estudo que se interessa em estudar o uso da língua no contexto social tais como Sociologia da Linguagem, Etnografia da Comunicação e a Sociolinguística Variacionista. Dessa forma, sabendo que se trata de ramo do conhecimento muito amplo, Coelho *et al.* (2015) delinea que:

É importante ter em mente que [...], trataremos da teoria e do método de uma sociolinguística em especial: a **Sociolinguística Variacionista**. Essa área atende também por outros nomes: (i) **Sociolinguística Laboviana**, porque seu principal expoente é o linguista norte-americano William Labov; (ii) **Sociolinguística Quantitativa**, porque, a princípio, os pesquisadores dessa área costumam lidar com uma grande quantidade de dados de usos da língua, o que requer normalmente uma análise estatística; e (iii) **Teoria da Variação e Mudança Linguística**, por conta de suas principais preocupações: a variação e a mudança na língua (COELHO *et al.* 2015, p. 14 grifo do autor).

Neste sentido, a presente pesquisa segue o modelo de análise proposta e desenvolvida por William Labov conhecida como Sociolinguística Variacionista.

1.1.2 As pesquisas de William Labov

O primeiro trabalho de Labov se refere à dissertação de mestrado, que trata da motivação social de uma mudança sonora na ilha de *Martha's Vineyard*. Conforme Alkmin (2001, p. 30):

Em 1963, Labov publica seu célebre trabalho sobre a comunidade da ilha de Martha's Vineyard, no litoral de Massachusetts, em que sublinha o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística, isto é, da diversidade linguística observada. Nesse texto, o autor relaciona fatores como sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico manifesto dos vineyardenses, mais concretamente, à pronúncia de determinados fones do inglês. Logo em 1964, Labov finaliza sua pesquisa sobre a estratificação social do inglês New York, em que fixa um modelo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas - conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, de grande impacto na Linguística contemporânea.

Nessa pesquisa, Labov considerou tanto os fatores de natureza externa quanto os de natureza interna da língua a fim de explicar as causas da variação linguística e concluiu que a centralização do ditongo era ocasionada por fatores extralinguísticos. A essa conclusão, Tarallo (2007, p. 14) afirma que esses fatores: “[...] são as armas usadas pelos residentes para demarcar seu espaço, sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, de grupo social separado”. Enfim, esses resultados comprovam que seja qual for à variação linguística, não acontece de forma aleatória e nesse caso os condicionadores externos a língua foram essenciais para desvendar as causas de variação do fenômeno analisado na comunidade de fala.

A segunda pesquisa importantíssima de Labov ocorreu em 1966 sobre a emissão da consoante /r/ pós-vocálica em Nova York, trabalho este que foi sua tese de doutorado. Segundo Martelotta *et al.* (2008, p. 148):

Labov pesquisou o referido fenômeno em três lojas de departamento de Nova York: uma frequentada pela classe alta, outra, pela média e a terceira frequentada pela classe baixa. Induziu os empregados a proferir as palavras *fourth* (numeral quarto) e *floor* (pisos, andar) como resposta à sua pergunta sobre em que andar se encontrariam produtos que lhe interessavam. Observa-se que a consoante /r/ aparecem em dois contextos diferentes: posição pós-vocálica final e posição pós-vocálica não - final. Labov descobriu que a preservação da vibrante ocorria com maior frequência na loja de classe alta e média do que na loja da classe mais baixa, revelando que a pronúncia do /r/ pós-vocálico é considerada de prestígio. Além disso, o autor – ao comparar o que se verificava com os registros sobre o grau de manutenção da vibrante em Nova York em décadas anteriores – concluiu que o /r/ estava sendo recuperado na cidade após a Segunda guerra.

Nessa pesquisa, Labov (2008, p. 65) partiu da seguinte hipótese “se dois subgrupos quaisquer de falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem por seu uso diferenciado do (r)”. A hipótese do linguista foi confirmada já que a presença ou a ausência do /r/ está relacionada com a hierarquia de status social e também com o cargo que cada empregado ocupava nas três lojas. Dessa forma, segundo Tarallo (2007, p. 12) os resultados apontam que:

[...] a ausência do /r/ é estigmatizada socialmente [...] e a presença do seguimento é considerada a variante de prestígio. Ainda mais significativo, a análise concluiu que ao status social mais elevado de um falante corresponde o uso mais frequente do [r].

Portanto, essas pesquisas de Labov são consideradas obras clássicas da Sociolinguística Variacionista, pois através delas várias outras investigações surgiram, não só no nível fonético, como também na sintaxe, léxico e entre outros. Já que em todos esses níveis ocorrem variação linguística.

1.1.3 Conhecendo alguns termos da Sociolinguística Variacionista

Na realização de uma pesquisa na área da Sociolinguística Variacionista é necessário que o pesquisador entenda alguns termos que são próprios dessa área, tais como: variedade, variação, variável e variante que apesar de serem parecidos não significam a mesma coisa. Para o conceito de variedade, Coelho *et al.* (2015, p. 14) afirmam que:

Damos o nome de variedade à fala característica de determinado grupo. A partir de critérios geográficos, podemos isolar, por exemplo, a variedade gaúcha, a variedade manauara, e a variedade da zona leste da cidade de São Paulo; a partir de critérios sociais, podemos pensar, por exemplo, na variedade dos falantes mais escolarizados, na variedade dos falantes mais jovens e na variedade das mulheres; também podemos escolher outros critérios, como a ocupação/profissão [...]. Podemos, ainda, combinar diferentes critérios para chegar às variedades: pode-se falar na variedade dos pescadores de Florianópolis, nas variedades das donas de casa do estado de São Paulo, na variedade dos jovens rappers da cidade do Rio de Janeiro.

Além dessas variedades mencionadas, existe a chamada variedade culta que segundo Coelho *et al.* (2015, p. 15):

A variedade culta é normalmente associada às camadas mais altas da pirâmide social. É, em geral, a língua usada pelos falantes mais escolarizados, com maior remuneração e que moram em centros urbanos. Essas pessoas, por seu status comumente gozam de prestígio social, e esse prestígio é transferido para a sua fala.

Outro termo que merece destaque é variação que, para Coelho *et al.* (2015, p. 16): “é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. Sendo assim, a escolha entre uma forma ou outra não impede o entendimento da mensagem, já que ambas se referem ao mesmo significado mesmo ditas de outras maneiras.

Em se tratando do conceito de variável, Coelho *et al.* (2015, p. 17) definem que “[...] é o lugar na gramática em que se localiza a variação, de forma mais abstrata”. Assim sendo, o PB¹ está repleto de exemplos de fenômenos variáveis em todos os níveis da gramática (fonético/fonológico, morfológico, sintático, lexical e discursivo). Além desses níveis de análise, há as interfaces morfofonológicas e morfossintáticas.

Quanto ao conceito de variante, Martelotta *et al.* (2008, p. 142) afirmam que:

O termo “variante” é utilizado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no sentido básico. Tomemos, por exemplo, a variação dos pronomes pessoais na primeira pessoa do plural ilustrada com o verbo “falar”. Temos as formas “nós falamos” e “a gente fala” como variantes do presente do indicativo.

Nas palavras de Molicca e Braga (2013, p. 10-11), variantes são “as diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável tecnicamente chamado de *variável dependente*”. Portanto, as variantes de uma língua podem conviver uma com a outra sem que haja substituição, mas no próprio instante que houver tal substituição ocorreu-se a chamada mudança linguística na comunidade de fala.

¹ Português Brasileiro

Outro conceito que merece destaque é comunidade de fala que segundo a exemplificação de Alkmin (2001, p. 31) esse termo depende:

[...] do alcance e dos objetivos de um trabalho de natureza sociolinguística, podemos selecionar e descrever comunidade de fala como a cidade de New York ou a cidade do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Belém. Ou do povo *ianomâmi*, que vive no estado do Macapá. Ou ainda, as comunidades dos pescadores do litoral do estado do Rio de Janeiro, da ilha de Marajó, dos estudantes de Direito dos *reppers* etc.

Enfim, o termo comunidade de fala vai depender da escolha do pesquisador em como selecionar os informantes da pesquisa. E já que em toda comunidade de fala existe variação, isso faz com que cada grupo de falantes seja reconhecido pelo seu próprio modo de falar. Assim, o uso de certas formas linguísticas mostra o quanto o falante é envolvido e o seu entrosamento com os membros da comunidade de fala. No tópico seguinte é abordado o conceito de comunidade de fala.

1.1.4 Comunidade de fala

Para Coelho *et al.* (2015, p. 67) na Sociolinguística Laboviana “o *locus* do estudo da língua é a comunidade de fala, não o indivíduo”. Em outras palavras essa proposta não considera a língua falada apenas por um indivíduo, mas pela comunidade de fala que a pessoa está inserida. Ainda para a referida autora, Labov considera que:

[...] uma comunidade de fala não é apenas um grupo de falantes que usa as mesmas formas da língua, mas um grupo de falantes que, além disso, compartilha as mesmas normas a respeito do uso dessa língua – o que pode ser observado tanto em “comportamentos avaliativos explícitos” como “pela uniformidade de padrões abstratos de variação”. (COELHO *et al.* 2015, p. 68)

Diante dessa declaração, inúmeros pesquisadores se manifestaram contra essa noção de comunidade de fala proposta por Labov. Sendo assim, as principais questões levantadas segundo Coelho *et al.* (2015, p. 68), estão relacionadas “ao papel da avaliação das formas variantes, que não se dá apenas conscientemente (como nos estereótipos), mas também inconscientemente (no caso dos marcadores e indicadores)”. O linguista defendia que as normas linguísticas compartilhadas pelo grupo de falante havia sempre uma ordenação valorativa, ou seja, as pessoas tinham consciência do valor social dessa variedade linguística que podiam até julgá-las ou avaliá-las.

Em toda comunidade linguística há um significado social ou valor social das formas variantes. Isso significa que existe uma classificação por parte dos grupos de falantes em relação os fenômenos variáveis, Coelho *et al.* (2015, p. 66) explica “Labov

formula três categorias de significado social das formas em variação, baseado no nível de consciência”. Portanto, os:

Indicadores são traços linguísticos encaixados numa matriz social, exibindo diferenciação segundo a idade e o grupo social, mas que não exibem nenhum padrão de alternância estilística e parecem ter pouca força avaliativa. **Marcadores** como (eh) ou (r), por sua vez, exibem estratificação estilística tanto quanto estratificação social. Embora possam estar abaixo do nível da consciência, produzirão respostas regulares em testes de reação subjetiva. **Estereótipos** são formas socialmente marcadas, rotuladas enfaticamente pela sociedade. (LABOV, 2008, p. 360 grifo nosso).

Nesse caso, esses fatores motivariam o falante a escolher ou se identificar com uma comunidade de fala e não com outra. As normas compartilhadas pelos falantes caracterizam a comunidade de fala, da qual fazem parte. Para Labov, os *estereótipos* e aos *marcadores* podem ser notados pelos falantes e detectados pelas técnicas que identificam avaliação subjetiva da língua. Enquanto os indicadores ficariam num nível inconsciente e não seriam identificados pelos falantes.

Sendo assim, Guy (2001) surge com uma proposta de complementação à teoria de Labov sobre comunidade de fala. Para o referido autor, a definição de comunidade de fala envolve:

i) características linguísticas compartilhadas; isto é, palavras, sons ou construções gramaticais que são usados na comunidade, mas não o são fora dela. **ii) densidade de comunicação interna relativamente alta;** isto é, as pessoas normalmente falam com mais frequência com outras que estão dentro do grupo do que com aquelas que estão fora dele. **iii) normas compartilhadas;** isto é, atitudes em comum sobre o uso da língua, normas em comum sobre a direção da variação estilística, avaliações sociais em comum sobre variáveis linguísticas. (GUY, 2001, p.18 grifo nosso).

Outros pesquisadores optaram em estudar o *locus* dos fenômenos linguísticos em outra dimensão e um desses foi Lesley Milroy que, de acordo com Coelho *et al.* (2015, p. 68) considera o estudo da fala em redes sociais:

[...] que situa seus falantes em **redes sociais** – redes de relacionamento dos indivíduos estabelecidas na vida cotidiana, que variam de um indivíduo para o outro e são constituídas por ligações de diferentes tipos, envolvendo graus de parentesco, amizade, ocupação (ambiente de trabalho) etc. Quanto maior o número de pessoas que se conhecem uma às outras numa certa rede, mais alta será a **densidade** dessa rede.

Coelho *et al.* (2015, p. 69) ainda explana outra dimensão considerada para o estudo da variação ou mudança linguística a noção de *comunidade de prática*:

Essa noção diz respeito a práticas sociais compartilhadas por indivíduos que se reúnem regularmente em torno de uma meta comum, e envolvem desde crenças e valores até formas de realizar certas atividades e de falar. Podem

ser caracterizadas como comunidades de práticas reuniões de pais e professores, rotinas familiares e escolares, comunidades de hackers, entrevistas médicas, comunidades de pescadores etc.

Penélope Eckert “propôs que o estudo da variação seja centrado nas comunidades de prática, pois nelas as variantes linguísticas assumiriam significação social, havendo relação direta entre língua e identidade” (COELHO *et al.*, 2015, p. 69)

Portanto, cabe ao pesquisador escolher se vai trabalhar com comunidade de fala, redes sociais e comunidade de práticas como *locus* de investigação, pois todos esses de certa forma contribuem para um melhor entendimento do estudo do fenômeno linguístico variável no contexto social em uma pesquisa variacionista.

1.2 Conceituando Anáfora

O conceito de anáfora não é definido de maneira uniforme. Sobre a concepção de anáfora, Luz (2009, p. 75) expõe que:

A literatura referente à anáfora é ampla e rica, várias são as abordagens teóricas que procuram fornecer uma descrição do fenômeno. Dependendo do viés de interpretação, notam-se, algumas vezes, ênfase nos aspectos linguísticos, outras nos aspectos cognitivos e ainda nos aspectos contextuais. Ou seja, as divergências a respeito da concepção da anáfora dão origem a dois blocos distintos no tratamento do fenômeno anafórico: aquele que mantém uma visão clássica da anáfora, refletindo-a no sentido estrito do termo e o outro que partilha uma visão mais ampla, reelaborando o seu conceito.

Dessa forma, não se pode classificar esse termo apenas numa perspectiva, já que seu conceito depende de cada teoria que a investiga. Nesse trabalho, foram analisadas somente as frases com a retomada anafórica na posição de objeto direto.

A seguir, é apresentado o conceito desse fenômeno na visão de outros autores. Para Dubois *et. al* (2001, p. 46), anáfora “é a repetição de uma palavra (ou grupo de palavras) no início de enunciado sucessivo, sendo que esse processo visa enfatizar o termo assim repetido”; já para Bagno (2011, p. 458) a palavra anáfora vem do grego “ação de trazer de novo, repetir, levar para trás”. O autor ainda enfatiza que esse termo tem a capacidade de trazer algo que já foi mostrado antes dentro do texto.

Portanto, com base nessas definições, conclui-se que a palavra anáfora é uma referência ao que foi mencionado antes no discurso ou na conversa, com o objetivo de fazer a ligação discursiva entre ideias que se encontram naquele momento do discurso temporalmente ou espacialmente afastadas.

1.2.1 Classificação do objeto direto em algumas gramáticas normativas

Quando se estuda sintaxe na Educação Básica, constata-se várias possibilidades de composição de uma oração. Desse modo, alguns dos seus termos constituintes são de difícil compreensão quando considerados do ponto de vista teórico, mas, no que se refere ao reconhecimento do objeto direto, parece que tudo fica mais fácil. Primeiro, o conceito é muito simples basta que você observe o verbo e que faça perguntas do tipo ‘o quê?’ ou ‘quem?’ depois do verbo. Se a palavra que completa a carga semântica de tal verbo o fizer sem o uso de preposição, chama-se tal complemento de objeto direto, porém se esse complemento for acompanhado de preposição necessária, dá-se o nome de objeto indireto.

Sendo assim, as gramáticas tradicionais conceituam o objeto direto, em sua maioria, como o complemento de um verbo transitivo direto que, na maioria das vezes, não vem unido por preposição. (BECHARA, 2009; LUFT, 2000; ROCHA LIMA, 1994).

Segundo Cunha e Cintra (2013, p. 154) o objeto direto é o “complemento de um verbo transitivo direto, ou seja, o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal”. Assim sendo, nota-se que esses gramáticos definem o objeto direto, como a palavra que completa o sentido do verbo transitivo sem o uso intermediário da preposição.

Para esses autores, o objeto direto pode ser representado por várias categorias morfológicas:

- a) **Substantivo:** *Vou descobrir mundos, quero glória e fama!*
- b) **Pronome (substantivo):** *Os jornais nada publicaram.*
- c) **Numeral:** *Já tenho seis lá em casa, que mal faz inteirar sete?*
- d) **Palavra ou expressão substantivada:** *Tem um quê de inexplicável.*
- e) **Oração substantivada (objetiva direta):** *Não quero que fique triste.*

Vale ainda mencionar que Cunha e Cintra (2013) abordam os tipos de objeto direto: objeto *direto preposicionado* e *objeto direto pleonástico*. Em relação ao objeto direto preposicionado, este “costuma vir regido da preposição” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 156). Abaixo, é exemplificado o objeto direto preposicionado com a sentença seguinte:

- f) *Só não amava a Jorge como amava ao filho*

Em se tratando do objeto direto pleonástico, os autores dizem que, para essa forma, “quando se quer chamar atenção para o objeto direto que precede o verbo costuma-se repeti-lo” (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 156). Vide o exemplo:

g) *Palavras cria-as o tempo e o tempo as mata*

Outros gramáticos que tratam desse assunto são Cipro Neto e Infante (1998). Na gramática intitulada Gramática da Língua Portuguesa, sobre a função dos pronomes retos, são encontradas as seguintes recomendações: “não devem ser usados como complementos verbais” em frases como “vi ele na rua”, “encontrei ela na praça” (CIPRO NETO & INFANTE, 1998, p. 282), sendo consideradas inadequadas, tanto para a fala quanto para a escrita. Já em relação aos pronomes oblíquos, os autores indicam que devem desempenhar “as funções de complemento verbal (objeto direto ou indireto)” (CIPRO NETO & INFANTE, 1998, p. 282). Assim, aprovam somente usos como: “vi-O na rua; Encontrei-A na praça” (CIPRO NETO & INFANTE, 1998, p. 282).

No Quadro 1, pode ser visualizada a distribuição dos pronomes pessoais, segundo Pasquale e Ulisses (1998); Sacconi (1999); Cunha e Cintra (2013).

Quadro 1 - Classificação dos pronomes pessoais

		PRONOMES PESSOAIS RETOS	PRONOMES PESSOAIS OBLÍQUOS NÃO REFLEXIVOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
Singular	1ª pessoa	Eu	Me	mim, comigo
	2ª pessoa	Tu	Te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	o, a, lhe	ele, ela
Plural	1ª pessoa	Nós	Nos	nós, conosco
	2ª pessoa	Vós	Vos	vós, convosco
	3ª pessoa	eles, elas	os, as, lhes	eles, elas

Quadro adaptado pela pesquisadora.

Os gramáticos supracitados fazem a mesma distribuição e classificação dos pronomes pessoais retos e oblíquos de modo que pronomes retos desempenham função de sujeito e os pronomes oblíquos exercem a função de objeto.

Cunha e Cintra (2013, p. 302) também discutem a maneira de falar da maioria dos brasileiros:

Na fala vulgar e familiar do Brasil, é muito frequente o uso do pronome ele(s), elas(s) como objeto direto em frases do tipo: Vi **ele**; Encontrei **ela**. Embora esta construção tenha raízes antigas no idioma, pois se documenta em escritores portugueses dos séculos XIII e XIV, deve ser hoje evitada.

Em edições anteriores da gramática de Cunha e Cintra (2013), cujo título é “Nova gramática do português contemporâneo”, tal citação vinha em nota de rodapé, agora a citação já faz parte do texto.

Outro gramático que aborda sobre as funções dos pronomes pessoais (retos e oblíquos) é Sacconi (1999). No início da discussão, o autor conceitua complementos verbais como sendo: “elementos substantivos que completam o sentido de um verbo” (Sacconi, 1999, p. 307). Desse modo, percebe-se que essa expressão complementos verbais frisado por Sacconi, não foi mencionada na gramática de Cunha e Cintra. Mas, apesar de introduzir conceitos aos complementos verbais, essa gramática pouco se diferencia das outras gramáticas normativas analisadas neste trabalho, pois nos seus textos orientam que na língua culta não se constrói sentença usando os pronomes retos como objeto direto.

Sacconi (1999, p. 355) classifica os complementos verbais como objeto direto e objeto indireto. O objeto direto é definido como “o complemento que se liga diretamente ao verbo, ou seja, sem o auxílio de preposição”. E cita os seguintes exemplos:

- h) *Os velhos usam **bengala***
- i) *Luizinho quebrou **dois pratos***
- j) *Comprei **todos os melões do supermercado***

Quanto à função, os pronomes pessoais podem ser retos, desempenhando a função de sujeito e oblíquos, exercendo a função de objeto. Desse modo, o gramático enfatiza que “a norma culta rejeita construções em que se usam as formas retas pelas formas oblíquas” (SACCONI, 1999, p. 199). Os exemplos que constam na gramática de Sacconi são:

- k) *Não **a** cumprimentei (E não: Não cumprimentei **ela**)*
- l) *A secretária recebia as cartas e **as** abria todas (E não: ... e abria **elas todas**)*

Portanto, com essa análise sobre o objeto direto em algumas gramáticas normativas, nota-se que das quatro variantes do fenômeno em variação (‘clítico acusativo’, ‘pronome lexical’, ‘objeto nulo’ e ‘sintagma nominal’), só há o registro das formas clítico acusativo e pronome lexical.

1.3 Trabalhos sobre variação linguística no Estado do Amazonas

No Estado do Amazonas as pesquisas na área da Sociolinguística e Dialectologia vêm se expandindo com o passar dos anos. Essas pesquisas² abrangem quase todos os níveis linguísticos: fonético-fonológico, morfológico, morfossintático, sintático, semântico e discursivo. Sendo assim, podem ser encontrados vários trabalhos em diferentes. A descrição das pesquisas nos parágrafos seguintes não pretende ser exaustiva, uma vez que muitas delas não estão acessíveis no meio virtual.

1.3.1 Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no Médio Solimões (AM)

Trata-se de uma Tese voltada para a pesquisa dialetológica na modalidade pluridimensional, envolvendo 9 pontos de inquérito, dos quais 7 estão localizados no Estado do Amazonas e 2 no Pará. Azevedo (2013) pesquisou as realizações fonéticas das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ e a variação semântico-lexical de diferentes domínios semânticos. Os resultados mostraram que as variantes [e, e^{ab} , i] e [o, o^{ab} , u] apresentam percentuais de ocorrência próximos, mas capazes de diferenciar os resultados do Estado do Amazonas em relação aos do Pará, pois nos dois pontos de inquérito paraenses houve ocorrência mais expressiva das formas [e, o] com timbre fechado; enquanto no Amazonas a predominância foi de [e^{ab}] com timbre aberto para a vogal anterior e resultados próximos para a vogal pretônica posterior /o/, realizando-se como [o, o^{ab} , u]. Quanto aos resultados para o componente lexical, as duas regiões, em parte, apresentaram algumas variantes diferentes para a mesma variável lexical.

1.3.2 Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)

Martins (2013) pesquisou, em nível de doutorado, o fenômeno da concordância nominal de número no falar do Alto Solimões (São Paulo de Olivença, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e Fonte Boa). Tal pesquisa é de natureza sociolinguística, na vertente variacionista, e dialetológica, na vertente pluridimensional. Martins (2013) controlou as variáveis independentes linguísticas: posição em relação ao núcleo/núcleo, posição linear, classe gramatical, processos morfofonológicos de formação de plural e

² Esses trabalhos foram consultados no site: <https://gelamlinguistica.wixsite.com/website/quem-somos>. Organizado pelo Grupo de Estudos Linguísticos do Amazonas (GELAM).

tonicidade dos itens lexicais, marcas precedentes, contexto fonético-fonológico subsequente e características dos itens lexicais; e também as variáveis independentes extralinguísticas: idade, escolaridade, sexo/gênero, diatopia, ocupação, mobilidade e localismo. Quanto à amostra, foram entrevistados 57 informantes em cada ponto de inquérito. Dos 7.270 dados submetidos ao programa estatístico *Goldvarb* 2001, 4.264 foram da variante “presença de marcas formais/informais de plural”, equivalendo a 58% dos dados, e 3.006 foram da variante “ausência de marcas formais/informais de plural”, correspondendo a 42% dos dados. Os resultados também mostraram que às variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas controladas foram significativas na regra de funcionamento da concordância nominal de número na região em estudo.

1.3.3 O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas

Campos (2009), em sua tese, aborda o fenômeno do alçamento das vogais posteriores em posição tônica em Borba-AM. Adotando os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, a pesquisadora selecionou 24 informantes e chegou aos seguintes resultados: o fenômeno do alçamento das vogais posteriores é recorrente no município de Borba e é mais produtivo na fala de pessoas idosas, com grau de escolaridade baixa e do sexo masculino.

1.3.4 Atlas Linguístico do Amazonas – ALAM

Cruz (2004) elaborou o Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM, em forma de tese, incluindo nove pontos de inquéritos localizados em diferentes microrregiões do Estado do Amazonas: Benjamin Constant (Microrregião do Alto Solimões), Tefé (Microrregião do Jutai-Solimões-Juruá), Lábrea (Microrregião do Purus), Eirunepé (Microrregião do Juruá), Humaitá (Microrregião do Madeira), Barcelos (Microrregião do Alto Rio Negro), Manacapuru (Microrregião do Rio Negro-Solimões), Itacoatiara (Médio Amazonas), Parintins (Baixo Amazonas). Participaram dessa pesquisa seis informantes selecionados em cada localidade por: ser analfabeto ou ter escolaridade até, no máximo, a 4ª série; ser natural da localidade estudada e pais e cônjuge também naturais da região; não ter se afastado da localidade por mais de 1/3 de sua vida e apresentar boas condições de fonação; um homem e uma mulher, em três faixas de idade (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante). Cruz (2004) utilizou, utilizou na

coleta de dados, um questionário fonético-fonológico, contendo 156 perguntas e um questionário semântico-lexical, contendo 327 questões. O ALAM é composto por 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais, cujo conteúdo linguístico caracteriza o falar amazonense.

1.3.5 Apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio na fala envirense

Araújo (2019) pesquisou a supressão da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio, sob a ótica da Dialectologia Pluridimensional e relacional de Thun (1996), que se caracteriza pela análise linguística em várias dimensões (diatópica, diazonal, diagenérica, diageracional, diastrática, etc.), e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). A coleta de dados ocorreu no bairro São Francisco e na comunidade Marajá, que fazem parte do município de Envira, no Estado do Amazonas. Nesses dois pontos de inquérito foi aplicado um questionário fonético-fonológico, contendo 49 questões, adaptadas do questionário fonético-fonológico já existente (AZEVEDO, 2013). Participaram da pesquisa como informantes 16 pessoas com o seguinte perfil: 8 homens e 8 mulheres, faixa etária de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, fundamental I e fundamental II. O código das variáveis dependentes e independentes foi submetido a programa estatístico *Goldvarb X*, e os resultados mostraram que a forma [-nu] é mais expressiva que [-ndu] na fala envirense.

1.3.6 Aspectos dialetais do Médio Amazonas: um estudo sobre o léxico

Batista (2019) realizou, em nível de mestrado, uma pesquisa dialetológica nas cidades de Itacoatiara e Silves, localizadas no Médio Amazonas. O objetivo foi mapear o fenômeno da variação semântico-lexical, aplicando um questionário de 100 perguntas de diferentes domínios semânticos. As cartas semântico-lexicais foram geradas após a inserção dos dados no *software* SGVClín. Batista (2019) trabalhou o conceito de norma de uso a partir das definições de Coseriu (1973) e do tratamento estatísticos feito por Cristianini (2007). Na fala dos moradores das cidades de Itacoatiara e Silves houve uso categórico de algumas variantes semântico-lexicais e ocorrências de variantes inovadoras.

1.3.7 O comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ no falar manauara

A dissertação de Tavares (2019) aborda o comportamento da vogal tônica /o/ e das vogais pretônicas /e, o/ na fala manauara. É uma pesquisa que obedece aos princípios e métodos da Dialetologia e da Sociolinguística Variacionista. Foram selecionados 24 informantes de três faixas etárias (18 a 35 anos, 36 a 55 anos e acima de 56 anos), sendo 12 homens e 12 mulheres. Em consonância com os preceitos e métodos estabelecidos pela Dialetologia, e com fundamento na Sociolinguística Variacionista, os dados foram inseridos no Programa *goldvarbX* para a realização das rodadas estatísticas. Os resultados mostraram a concorrência entre vogais médias baixas [ɛ, ɔ], médias altas [e, o] e altas [i, u].

1.3.8 Variação morfossintática na Zona Leste de Manaus: um estudo Geossociolinguístico

Araújo (2018) realizou uma pesquisa morfossintática, em nível de mestrado, na zona leste de Manaus. A pesquisa de natureza geossociolinguística objetivou: mapear as tendências de variação morfossintática da fala na área urbana de Manaus nas dimensões: diatópica, diatópica-cinética, diageracional, diassexual e diafásica. Os fenômenos linguísticos estudados por Araújo (2018) foram: pluralização, flexão verbal, sintaxe de concordância, grau dos adjetivos e uso de pronomes. Foi constatado que formas verbais do subjuntivo foram substituídas por formas do indicativo; a flexão de formas irregulares segue o paradigma das formas regulares ou é substituída por formas alternativas; a flexão de número nos nomes pode ser influenciada por fatores fonológicos; a flexão de gênero dos nomes é influenciada pelo determinante do nome ou por fatores extralinguísticos, como o sexo do ser; e a concordância nominal e verbal se pluralizava ora no determinante ora no núcleo.

1.3.9 A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá

Maia (2012) investigou, na perspectiva da Dialetologia Pluridimensional (RADTKE & THUN, 11996), em nível de mestrado, as variantes do /S/ pós-vocálico na fala dos moradores das cidades de Boca do Acre, Lábrea e Tapuá –localizadas na microrregião do Purus, no Estado do Amazonas. Em cada ponto de inquérito, foram

selecionados 6 informantes, sendo 6 homens e 6 mulheres no total, pertencentes a faixas etárias de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante. Na coleta de dados, Maia (2012) utilizou conversação livre com duração de 30 minutos, no máximo, e aplicou questionário fonético-fonológico, cujos dados geraram 51 cartas fonéticas e 13 cartas fonéticas-contextuais. Nessas cartas, a variante mais expressiva foi a alveolar; entretanto, em contextos específicos, a variante pós-alveolar ocorre em contexto medial antes de consoante oclusiva [t]. A variante aspirada ocorre pelo contexto anterior a lateral e a nasal. Já o apagamento ocorre quando o /S/ é morfema plural. Segundo Maia (2012) a expressividade da variante alveolar se deve à influência linguística dos migrantes nordestinos provenientes do Maranhão e do Ceará.

1.3.10 Análise Fonético-fonológica das vogais pretônicas na fala de Manaus

Cunha e Silva (1980) elaborou, em sua dissertação mestrado, regras fonológicas sobre as pretônicas no dialeto falado na cidade de Manaus no Amazonas. Para isso, fundamentou-se na fonologia Gerativa. Na década de 80, do século passado, segundo os resultados da pesquisa de Cunha e Silva (1980), os manauaras realizavam as pretônicas /e/ e /o/, de maneira expressiva, como [ɛ̃] e [ɔ̃], constituindo o uso padrão nessa época, por influência de vogais tônicas e não contíguas à vogal tônica.

1.3.11 O falar do caboclo amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves

Corrêa (1980) pesquisou dois fenômenos linguísticos em sua dissertação de mestrado: as vogais e o léxico. Foram selecionados 42 informantes, sendo 28 homens e 14 mulheres analfabetos ou com baixa escolaridade. Trata-se de um trabalho dialetológico que descreveu as realizações das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ que se realizaram como [i] e [u], fenômeno esse conhecido como alteamento. Os resultados mostram o alteamento da vogal média pretônica /o/ → [u] / _[a, e, j], _[p, b, tʃ, dʒ, g]; Alteamento da vogal /o/ → [u] / _[v, z, s, ʒ], [r]; Alteamento da vogal média pretônica /o/ → [u] / _[ʎ, [ĩ]; Alteamento da vogal média /e/ → [i] / _[Consoantes não contíguas], _[v, ʃ]; /e/ → [i] / _[r, [h], [ç], [ʎ]. Portanto, duas regras fonético-fonológicas foram aplicadas para a realização categórica das vogais médias pretônicas /e/ e /o/: regra 1 para a realização do /o/ → [u]; regra 2 para a realização do /e/ → [i]. Corrêa (1980) também

realizou uma pesquisa lexicológica sobre os domínios semânticos família, habitação, vida social, roça, juta, pesca, transporte e da terra, conseguindo selecionar 600 lexias do falar do caboclo de Itacoatiara e Silves, no Médio Amazonas.

1.3.12 Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves

Na pesquisa de Silva (2009), em nível de mestrado, o alteamento das vogais médias pretônicas, detectado na pesquisa de Corrêa (1980), não ocorre mais de forma categórica como na década de 1980 nas mesmas cidades: Itapiranga e Silves, localizadas no Médio Amazonas. Foram selecionados 12 informantes, sendo seis em cada ponto de inquérito e com faixas etárias de: de 18 a 35 anos; 36 a 55 anos; e 56 anos em diante. Pela pesquisa atual de Silva (2009), as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ se realizaram foneticamente como [e, o], [ɛ̃, ɔ̃] e [i, u] com valores percentuais de ocorrência próximos. Portanto, o alteamento das vogais médias pretônicas /e, o/ tende a ser menos expressivo com o passar do tempo nas cidades de Itapiranga e Silves.

1.3.13 A realização das variantes palatais /ʎ/ e /ɲ/ nos municípios de Itapiranga e Silves

Trata-se de uma pesquisa, em nível de mestrado, realizada por Torres (2009) nos municípios de Itapiranga e Silves, cuja análise foi sobre as realizações fonéticas das palatais /ʎ/ e /ɲ/. Nesse estudo, o perfil do informante obedece aos critérios do Atlas Linguístico do Amazonas –ALAM (CRUZ, 2004) com 6 informantes em cada localidade, três faixas etárias (de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante, homem e mulher, totalizando 12 informantes. Torres (2009) constatou que o fenômeno da palatalização ocorre, de maneira mais expressiva, diante de vogal alta [i].

1.3.14 Descrição da nasalidade na comunidade do Andirá, no município de Barreirinha

Em nível de mestrado, Santos (2013) descreveu o fenômeno da nasalidade na fala dos moradores da Comunidade chamada Freguesia do Andirá, localizada no município de Barreirinha, no Estado do Amazonas. É um estudo que se enquadra nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Foram entrevistados nessa comunidade 18 informantes. O *corpus* foi constituído por 69 palavras, que foram submetidas ao *software* Praat. Os resultados mostraram que, na

comunidade Freguesia do Andirá, ocorre o fenômeno da nasalidade semelhante à variação do período arcaico da língua portuguesa.

1.3.15 A realização da fricativa glotal na fala manauara

Trata-se de uma dissertação, em que Berçot-Rodrigues (2014) pesquisou a ocorrência do fenômeno fonético-fonológico de substituição das consoantes fricativas pelas fricativas glotais [h] e [ɦ] na fala manauara. A pesquisa, de natureza dialetológica e sociolinguística, envolveu coleta de informações em bibliografias e em campo com aplicação de Questionário Fonético-Fonológico-QFF, leitura de frases e leitura de texto. Participaram da entrevista 24 informantes com os mesmos parâmetros de sexo, faixa etária do Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM (CRUZ, 2004). Constatou-se, nos resultados, que, no contexto intralinguístico, o [f] não foi substituído na fala dos informantes; enquanto [s] e [ʃ] foram substituídos. Já no contexto extralinguístico, as realizações fonéticas ocorreram, de forma mais expressiva, na fala dos homens, na terceira faixa etária e no primeiro nível de escolaridade.

1.3.16 Entoação das frases declarativas e interrogativas totais no português falado em Maués, no Amazonas

A pesquisa de Espírito Santo (2014), em nível de mestrado, analisou o comportamento entonacional de frases declarativas e interrogativas totais na fala dos moradores da cidade de Maués. Foram observados o pré-núcleo e o núcleo entonacionais de 396 frases. Na frase declarativa, na posição nuclear, o movimento inicial é baixo com aumento de frequência na sílaba tônica e declínio na posição pós-tônica. Já na frase interrogativa há uma frequência alta no ataque silábico, declinando e, depois, subindo na sílaba pós-tônica. Houve ausência de registro de frequência na posição frásica no que diz respeito ao comportamento da vogal final dos enunciados. No geral, a frase interrogativa apresentou medidas maiores, principalmente, em sílabas tônicas na duração; enquanto na intensidade, a interrogativa apresentou energia mais elevada do que a frase declarativa em sílabas tônicas.

1.3.17 Interferência na fala e na escrita de alunos do ensino médio: Descrição e análise de usos de Monotongação e de Apagamento do [R] final

Silva (2017) analisou a monotongação dos ditongos /ej/ e /ow/ e o apagamento do /R/ em coda silábica. A pesquisadora analisou 292 textos escritos por alunos do ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas-IFAM, Campus Manaus da Zona Leste. Os pressupostos teórico-metodológicos adotados foram da Sociolinguística Variacionista. Nas realizações fonéticas de /ej/, /ow/ e /R/, as variáveis sociais controladas, nessa pesquisa, foram grau de escolaridade e sexo. Já no aspecto intralinguístico, no que diz respeito à realização de /ej/, foram controladas as variáveis modo de articulação do segmento seguinte como [r], [ʃ], [ʒ]; enquanto na realização fonética de /ow/, foi controlado o fator ponto de articulação do contexto fonológico seguinte, envolvendo [p, b, v], [r], [t, s], [k] e final absoluto. Quanto às realizações de /r/ foram controladas as variáveis extensão do vocábulo, contexto precedente, contexto subsequente, ponto de articulação do segmento subsequente e classe morfológica do vocábulo. Os resultados mostraram que há pouca interferência da oralidade na escrita. Dessa forma, os alunos que participaram da pesquisa cometiam poucos desvios ortográficos na escrita.

1.3.18 A nasalização variável de vogais na fala manauara

Martins (2018) descreve, em sua dissertação, o fenômeno da nasalização vocálica na fala manauara. A base teórica para a realização de tal pesquisa foram os pressupostos teóricos da Fonologia Autossegmental e da Sociolinguística Variacionista. Os resultados mostraram que a nasalização variável está em curso na fala manauara. Além disso, os homens tendem a realizar a variável dependente pela nasalização e é mais presente na fala dos mais velhos. A nasalização variável está associada ao desvio normativo, sendo menos presente na fala feminina.

1.3.19 A alternância Tu/Você/Senhor no município de Tefé - Estado do Amazonas

Martins (2010), tomando por base a Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968) pesquisou na cidade de Tefé (AM) a alternância entre *tu*, *você* e *senhor*. Participaram da pesquisa 30 informantes, sendo 15 homens e 15 mulheres de três faixas etárias: de 7 a 10 anos, de 20 a 35 anos e de mais

de 50 anos. Os informantes possuíam ainda duas escolaridades: Ensino Fundamental e Ensino Superior. Na fala tefeense, a incidência maior foi da forma pronominal *tu*, sobressaindo-se na fala das mulheres e de crianças na faixa etária dos 7 a 10 anos. A forma *você* é utilizada de maneira formal. Segundo Martins (2010), o pronome de tratamento *senhor* está concorrendo com o pronome *tu* em relações assimétricas íntimas.

1.3.20 O gerúndio na expressão de tempo futuro na diversidade do português do manauara

Simas (2016), em nível de mestrado, pesquisou o gerúndio na fala manauara, fundamentando-se na teoria Sociofuncionalista, em consonância com os princípios da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Linguístico Tavares (2013) e Castilho (2012). A pesquisadora analisou textos orais e escritos em graus de monitoramento formal e informal. A conclusão é a de que a utilização da perífrase verbal *ir + estar + gerúndio* usada na indicação de tempo futuro é mais produtiva na modalidade falada em contextos de uso linguísticos formais e informais. A construção gerundiva acontece devido à inexistência de marca de tempo futuro e orações coordenadas.

1.3.21 Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): Um estudo dialetológico

Barbosa (2013) apresentou um trabalho geolinguístico, em nível de mestrado, contendo 272 cartas linguísticas sobre a fala utilizada nas comunidades de Santa Tereza do Matupiri, Boa Fé e São Pedro, localizadas no município de Barreirinha. Para a coleta de dados, Barbosa (2013) utilizou o questionário do Atlas Linguístico do Amazonas (CRUZ, 2004). Nas cartas linguísticas é possível visualizar a influência linguística indígena (mutirão, mandioca, mingau etc.) e africana (goronga, caçula, banguela, etc.)

1.3.22 Um olhar lexical sobre a identidade dos migrantes interioranos do Estado do Amazonas: Um estudo de Geolinguística

Gonçalves (2015) trabalha, em sua dissertação, a relação entre língua e identidade dos migrantes interioranos provenientes de Manacapuru, Itacoatiara e Tefé, que viviam em Manaus há 5 anos, à época da realização da pesquisa. Obedecendo aos princípios e métodos da dialetologia, foi aplicado um questionário, contendo 293

perguntas. Os resultados mostraram que as pessoas provenientes do interior do Estado do Amazonas mudaram a maneira de falar na capital amazonense.

1.3.23 O falar do "caboco" paraense: Um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (Baixo-Amazonas-PA).

Barros (2017) pesquisou, em nível de mestrado, o léxico na fala dos moradores das cidades de Oriximiná, Santarém e Juruti, localizadas no Baixo Amazonas (PA). Foram controladas as dimensões diatópicas, diageracional, diassexual e diastrática (escolaridade). Os domínios semânticos pesquisados por Barros (2017) foram roça, pesca, pecuária, fauna, flora, mundo biótipo, homem etc. Foi utilizado um questionário semântico-lexical, contendo 164 questões, dos quais foram geradas 50 cartas semântico-lexicais. Com isso, foi identificada a norma de uso em cada cidade pesquisada com base na definição Pottier (1978) e Preti (1982).

1.3.24 Atlas dos falares do Baixo Amazonas – AFBAM

Brito (2011) pesquisou, em nível de mestrado, em cinco localidades do Baixo Amazonas aspectos fonético-fonológicos da fala dos moradores das cidades amazonenses Barreirinha, Boa Vista do Ramos, Nhamundá, São Sebastião do Uatumã e Urucará. Para a coleta de dados, foi utilizado o questionário fonético-fonológico do Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM (CRUZ, 2004). Quanto ao perfil do informante, também seguiu os critérios estabelecidos na pesquisa do ALAM. Foram compostas 132 cartas fonéticas, que constituem o Atlas dos Falares do Baixo Amazonas –AFBAM (BRITO, 2011). Segundo os dados dos AFBAM (BRITO, 2011), Na Região do Baixo Amazonas predominam as vogais médias baixas [e] e [o].

1.3.25 Justiniano (2012) Atlas linguístico dos falares do Alto Rio Negro – ALFARiN;

Justiniano (2012) elaborou, em forma de dissertação de mestrado, o Atlas linguístico dos falares do Alto Rio Negro-ALFARiN. Foram selecionados como pontos de inquérito as cidades de São Gabriel da Cachoeira e Santa Isabel do Rio Negro. Os parâmetros de pesquisa de Justiniano (2012), na parte metodológica, foram os mesmos adotados no Atlas Linguístico do Amazonas-ALAM (2004). Nos resultados dessa pesquisa, houve predominância da realização de vogais médias pretônicas fechadas [e,

o]; da monotongação dos ditongos /ej/ e /ow/; e houve realizações do /R/ pós-vocálico, no meio do vocábulo; e palatalização do /s/.

1.3.26 Atlas morfossintático da microrregião do Madeira – AMSIMA;

Na dissertação de Tavares (2017), é abordado o componente morfossintático na fala dos moradores das cidades de Borba, Novo Aripuanã, Manicoré, Apuí e Humaitá, localizadas na Microrregião do Rio Madeira. Trata-se de um trabalho que obedece aos princípios e métodos da geolinguística pluridimensional (com aplicação de questionários, seleção da rede de pontos, seleção de informantes e cartas linguísticas com várias dimensões e parâmetros da pesquisa dialetológica). O perfil do informante, adotado nessa pesquisa, foi o mesmo do Atlas Linguístico do Amazonas- ALAM (CRUZ, 2004). O questionário morfossintático aplicado é composto por 49 questões, de cujas respostas resultaram em 134 cartas morfossintáticas, contendo as peculiaridades linguísticas da Microrregião do Rio Madeira.

1.3.27 As vogais médias pretônicas no falar de Manaus

Trata-se de uma pesquisa geolinguística, em nível de mestrado, realizada por Quara (2012) com 24 informantes da cidade de Manaus. O propósito da pesquisa foi verificar se a fala nortista é caracterizada pela presença de vogais médias pretônicas abertas [ɛ̃, ɔ̃]. Tal hipótese foi formulada por Nascentes (1953) em viagens realizadas pela Região Norte do Brasil. Na atualidade, a hipótese não pode ser confirmada, pois os resultados mostraram a predominância de vogais médias baixas [e, o] e de ocorrências de vogais altas [i, u] em alguns contextos intralinguísticos.

Em síntese, a descrição dos trabalhos elencados, como afirmado anteriormente, não foi exaustiva, pois muitas pesquisas concluídas sobre diversos fenômenos linguísticos do português amazônico não estão acessíveis ainda. Conclui-se que, no Estado do Amazonas, não havia sido realizada pesquisa sobre o objeto direto anafórico. Entretanto, em outras regiões do Brasil, o estudo desse fenômeno já é bastante recorrente e será tratado nos tópicos seguintes.

1.4 O objeto direto anafórico em pesquisas realizadas no Brasil

Nesta seção, são apresentadas as variantes do objeto direto anafórico, segundo Bagno (2011), Bortoni-Ricardo (2004), Monteiro (2000), Tarallo (2007) para, em

seguida, serem descritos os resultados de alguns trabalhos realizados no Brasil a respeito desse fenômeno em estudo, presentes ou não na fala dos brasileiros, de forma mais detalhada.

A maioria dos compêndios gramaticais aprova somente o ‘clítico acusativo’ – termo este chamado sempre de pronome oblíquo, para a função de objeto direto e desaconselham o uso do ‘pronome lexical’ (pronomes retos) para essa função. Quanto às outras duas variantes: ‘objeto nulo’ e ‘sintagma nominal’ nem sequer são mencionadas. Portanto, essas duas formas não são registradas pelas gramáticas. É importante mencionar que não há referência negativa em relação ao uso das duas últimas variantes.

Para Bagno (2011), além das duas variantes mencionadas nas gramáticas normativas (‘clítico acusativo’ e ‘pronome lexical’) existem mais duas variantes (‘objeto nulo’ e ‘sintagma nominal’) no repertório linguístico dos brasileiros. Assim, conforme o autor:

A gramática do Português Brasileiro (PB) é muito mais complexa do que isso, e o que de fato encontramos em nossa realidade linguística é a seguinte situação:

Procurei gato pela rua toda, mas não O encontrei em lugar nenhum. (clítico acusativo)

Procurei o gato pela rua toda, mas não encontrei ELE em lugar nenhum. (pronome lexical)

Procurei o gato pela rua toda, mas não encontrei Ø em lugar nenhum. (objeto nulo)

Procurei o gato pela rua toda, mas não encontrei O GATO em lugar nenhum. (sintagma nominal) (clítico acusativo) (BAGNO 2011, p. 470 grifo nosso).

Nesta perspectiva, todas essas variantes do objeto direto anafórico (‘clítico acusativo’, ‘pronome lexical’, ‘objeto nulo’ e ‘sintagma nominal’) estão disponíveis no repertório linguístico dos brasileiros. Cabe ao falante ter consciência para melhor escolher/selecionar a variante adequada ao contexto em que está inserido.

Outro autor que trabalha a temática em questão é Monteiro (2000, p.66), afirmando que: “enquanto a variante padrão ou de prestígio tenta seguir a regra de uso do clítico acusativo, a variante popular estabelece o emprego do pronome *ele* com a função de objeto direto”. Monteiro (2000, p.66) apresenta os seguintes exemplos:

m) *Quando eu vi o Procópio, quase não O reconheci.* (clítico acusativo)

n) *Quando eu vi o Procópio, quase não reconheci ELE.* (pronome lexical)

o) *Quando eu vi o Procópio, quase não Ø reconheci.* (objeto nulo)

Segundo Monteiro (2000), essas variantes exemplificadas acima não acontecem de forma aleatória. Assim sendo, a variante ‘objeto nulo’ surge como alternativa para se evitar a variante recomendada pela tradição gramatical (‘clítico acusativo’), considerada como “artificial ou quase pedante”. Uma outra explicação para a presença dessa variante foi à rejeição do ‘pronome lexical’ avaliada como “errada” ou própria de pessoas sem bom nível de escolaridade. Em síntese, esse autor não tratou do ‘sintagma nominal’, sendo que essa forma é uma das estratégias de uso do objeto direto anafórico na língua falada.

A respeito da troca de função entre o ‘clítico acusativo’ e do ‘pronome lexical’ Bortoni-Ricardo (2004, p. 28) disserta que:

[...] temos o emprego do pronome reto *ele* como objeto direto, regra que é muito comum no nosso português oral. Geralmente, só empregamos os pronomes oblíquos átonos (*o, a, os, as*) na linguagem escrita, ou falada, em estilos muito monitorados.

Com isso, o uso do pronome reto *ele* e *ela* como objeto direto é muito frequente na fala dos brasileiros independentemente do nível de escolaridade. Vale enfatizar aqui que quando ocorre, essa forma não se trata de um erro, o que acontece é que o cidadão utilizou um dos quatro diferentes recursos disponíveis na língua para se referir ao objeto direto anafórico.

Tarallo (2007, p. 42) introduz a respeito da variação do objeto direto anafórico da seguinte maneira, afirmando que existem três variantes concorrendo pela expressão da variável e exemplifica:

Mas vejamos um outro exemplo de variável, este de natureza sintática: os pronomes de terceira pessoa em função de objeto de verbo. À pergunta “**Você conhece aquele homem?**”, há três possíveis respostas em português: **1. Eu o conheço;** **2. Eu conheço ele;** e **3. Eu conheço.** Ou seja, nessa batalha sintática entre pronomes em função de objeto três variantes se defrontam. A padrão *o* (e por extensão, *a, os, as*) e as duas formas não padrão, *ele* (*ela, eles, elas*) e uma forma zero (doravante denominada “anáfora zero”): o verbo não apresenta objeto pronominal exposto.

O autor ainda esclarece que a variação do objeto direto anafórico não acontece somente com seres animados, mas também com os seres inanimados e ilustra:

Tal esquema de variação também ocorre quando o SN referente for inanimado, como em: “**você comprou aquele carro?**”. A essa pergunta também se pode responder de três maneiras diferentes: **1. Eu o comprei;** **2. Eu comprei ele;** e **3. Eu comprei.** O sistema gramatical do português, no entanto, rege o fenômeno de pronominalização através de um cruzamento semântico com o traço [+animado] do SN referente. Em outras palavras, SNs referentes de natureza animada favorecem sua posterior pronominalização na fala. (TARALLO, 2007, p. 43 grifo nosso).

Tarallo (2007, p. 43) também orienta sobre como formular as hipóteses para esse caso de variação, apontando que a anáfora zero é motivada no contexto [-animado], enquanto o pronome lexical é favorecido no contexto [+animado].

Levando-se esse fator em consideração, uma primeira hipótese de trabalho é levantada: a anáfora zero deve estar sendo acelerada quando o SN referente for inanimado. Uma vez que os pronomes-objeto se encontram em fase de extinção no português falado do Brasil, a luta acaba sendo travada entre as duas formas não padrão. Das duas a anáfora zero, carrega estigma sociolinguístico menos acentuado. Portanto podemos partir da seguinte premissa: na substituição de pronomes clíticos, a língua falada favorece a anáfora zero, acelerando ainda mais o processo de sua implementação no sistema quando o SN pronominalizável (isto é, aquele já usado anteriormente e que deveria retornar como pronome) for inanimado.

Esses autores mostram que a variável dependente do objeto direto anafórico é mais um fenômeno que se encontra em variação. Sendo possível de ser descrita e analisada sistematicamente.

1.4.1 Objeto direto anafórico no Português Brasileiro

Muitas pesquisas no Brasil já investigaram a alternância do objeto direto anafórico e comprovaram que esse fenômeno encontra-se em processo de variação, fato este que pode ser comprovado em inúmeros trabalhos realizados no Português Brasileiro (PB), descritos logo a seguir.

1.4.1.1 A pesquisa de Correa (2014)

Correa (2014) investigou “*A Realização do objeto direto anafórico na fala do araguiense*” e constatou quatro variantes para esse fenômeno ‘clítico acusativo’, ‘objeto nulo’, ‘pronome lexical’ e ‘sintagma nominal’. Quanto aos condicionadores, a autora controlou tanto linguísticos quanto extralinguísticos.

No que tange aos grupos de fatores extralinguísticos, Correa (2014) considerou para sua análise os grupos de fatores: “sexo” (masculino e feminino); “faixa etária” (21 a 40 anos; 41 a 60 anos e acima de 60 anos); “escolaridade”: (ensino fundamental completo ou incompleto ensino superior completo). Quanto ao fator “sexo”, a pesquisa apontou que as mulheres utilizaram mais o ‘objeto nulo’ com um percentual de 57,38% contra 42,62% na fala dos homens.

Nessa investigação, o fator “faixa etária” não se mostrou significativo para a escolha das variantes, já que os percentuais das formas se aproximaram bastante nas três faixas etária controladas. Assim, os percentuais de ocorrência na 1ª faixa etária são:

(70,40%) de ‘objeto nulo’, (14,15%) de ‘sintagma nominal’, (9,43%) de ‘pronome lexical’ e (0,48%) de ‘clítico acusativo’. Já na 2ª faixa etária (75,94%) de ‘objeto nulo’, (17,10%) de ‘sintagma nominal’, (11,74%) de ‘pronome lexical’, e (0,66%) de ‘clítico acusativo’. E 3ª faixa etária (84,30%) de ‘objeto nulo’, (15,12%) de ‘sintagma nominal’ (0%) de ‘pronome lexical’ e (0,58%) de ‘clítico acusativo’.

No grupo de fator escolaridade, os informantes tanto do ensino fundamental quanto do ensino superior produziram com mais frequência a variante ‘objeto nulo’ (75,23% contra 79,72%).

Para os grupos de fatores linguísticos, a pesquisadora considerou a natureza semântica do antecedente ([+] animado e [-] animado; [+] específico e [-] específico). É importante mencionar que a pesquisadora considerou esse grupo em relação aos grupos sociais (sexo, faixa etária e escolaridade), com isso não obtive percentuais específicos desse grupo. Pode-se mencionar que o traço [-animado] é mais frequente com ‘objeto nulo’ nos três grupos de fatores extralinguísticos.

Enquanto a especificidade se define da seguinte maneira traço [- específico] alcançou (63,64%) na fala das mulheres com o ensino fundamental e da 3ª faixa etária. Já o traço [+ específico] obteve (52%) na fala dos homens com o ensino fundamental e pertencente a 2ª faixa etária. No Quadro 2, podem ser visualizados os seguintes exemplos³:

Quadro 2 Exemplos das variantes do objeto direto anafórico na pesquisa de Correa (2014)

Variante	Exemplos
‘pronome lexical’	<i>Eu <u>teria</u> <u>ela</u> de novo porque apesar de todo o sofrimento né, pra trazer ela ao mundo.</i>
	<i>[...] aí fez o parto da minha filha ... eu nem cheguei a <u>vê</u> <u>ela</u>.</i>
‘objeto nulo’	<i>Quanto a educação hoje eu <u>vejo</u> \emptyset de maneira perplexa.</i>
	<i>Você não ganha seu espaço você <u>conquista</u> \emptyset.</i>

1.4.1.2 A pesquisa de Duarte (1986)

Duarte em sua pesquisa sobre o objeto direto anafórico levou em consideração os fatores linguísticos (morfológico, sintático e semântico) e extralinguísticos (faixa-etária e escolaridade).

³ Os exemplos foram apenas das variantes ‘pronome lexical’ e ‘objeto nulo’, porque a pesquisadora não cita exemplos das outras duas variantes ‘clítico acusativo’ e ‘sintagma nominal’.

De forma geral, na pesquisa de Duarte, as variantes do objeto direto anafórico obtiveram os seguintes percentuais: (62,6%) de ‘objeto nulo’, (15,4%) de ‘pronome lexical’, (17,1%), de outras formas de objeto direto anafórico, de (4,9%) ‘clítico acusativo’.

Em se tratando do condicionamento semântico, a pesquisa mostrou que as variantes ‘clítico acusativo’ e ‘pronome lexical’ é favorecido pelo traço [+animado], enquanto o ‘objeto nulo’ e ‘sintagma nominal’ são condicionados pelo traço [-animado].

Em relação aos grupos de fatores idade e escolaridade as variantes se comportaram da seguinte forma: o ‘objeto nulo’ alcançou um enorme percentual em todas as faixas-etárias, o ‘pronome lexical’ obteve uma maior frequência entre os informantes mais jovens, porém a frequência vai diminuindo à medida que aumenta a idade e o nível de escolaridade. Já as formas ‘clítico acusativo’ e ‘sintagma nominal’ obtiveram uns índices mais elevados à medida que a idade e a escolaridade aumentam. A autora cita os seguintes exemplos:

Quadro 3 Exemplos das variantes do objeto direto anafórico na pesquisa de Duarte (1986)

Variantes	Exemplos
‘clítico acusativo’	<i>Ele veio do Rio só para pra ver. Então eu fui ao aeroporto <u>busca - lo</u>.</i>
‘pronome lexical’	<i>Eu amo o seu pai e vou <u>fazer ele</u> feliz.</i>
‘objeto nulo’	<i>O Sinhozinho Malta está tentando convencer o Zé das Medalhas a matar o roque... Mas ele é muito medroso. Quem já tentou <u>matar</u> <u>o</u> foi o empregado da Porcina. Ontem ele quis <u>matar</u> <u>o</u>, a empregada é que <u>salvou</u> <u>o</u>.</i>
‘sintagma nominal’	<i>Ele veio <u>ver a Dondinha</u> e o pai da Dondinha <u>manda a Dondinha</u> entrar.</i>

1.4.1.3 A pesquisa de Neiva (2007)

Neiva (2007), na sua pesquisa intitulada “Objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala culta de salvador: o clítico em desuso”, optou pelo controle dos seguintes condicionadores linguísticos: 1) o ‘traço semântico animacidade do objeto’ (Traço [-animado] e Traço [+ animado]; 2) o ‘tempo e modo verbal’ (verbo no indicativo, verbo no infinitivo, locução com infinitivo, subjuntivo, imperativo, gerúndio, locução com gerúndio, locução com particípio); 3) e ‘a forma da referência anterior e a ausência/presença de termo (s) interveniente (s) entre o objeto e o verbo’, esse fator foi usado para que a autora observasse a forma da referência anterior que influenciava no uso das variantes, ou seja, se o falante repetiria a forma inicialmente usada.

De referência aos grupos de fatores externos, foram selecionados: 1) o ‘gênero’ do informante (homem e mulher); 2) a ‘faixa etária’ (I 25-35, II 36-55, III a partir de 56); 3) o ‘grau de formalidade do discurso’ - com o estudo dessa variável a

pesquisadora observou o nível de atuação das variantes de acordo com a influência do registro; 4) ‘a localização do fenômeno em variação no tempo - para esta variável autora esperava encontrar um crescimento do uso da categoria vazia e dos Sintagmas Nominais -SNs anafóricos proporcional ao apagamento do clítico, numa comparação entre duas sincronias.

Dessa forma, de maneira geral, a autora chegou aos seguintes resultados:

(a) a categoria vazia, com um índice de 59% do total de ocorrências, ocupou a liderança; (b) o uso dos Sintagma Nominal anafóricos aparece em segundo lugar, atingindo o índice de 34,4%; (c) o uso do clítico acusativo alcançou, apenas, 4,2% do total de ocorrências; (d) e, por fim, vem o uso do pronome lexical pleno, com um percentual de 2,4%. (NEIVA,2007, p. 100-101)

Ainda é possível observar que de um lado prevalece a ‘categoria vazia’ e o ‘Sintagma Nominal’ anafóricos; e por outro lado, o declínio das variantes ‘clítico acusativo’ e ‘pronome lexical’. E cita os exemplos:

Quadro 4 Exemplos das variantes do objeto direto anafórico na pesquisa de Neiva (2007)

Variantes	Exemplos
‘clítico acusativo’	<i>Nós teríamos um outro recôncavo, nós o <u>chamaríamos</u> de recôncavo do litoral.</i>
‘pronome lexical’	<i>[...] a criança deve ir o mais cedo possível à escola, entendeu? E,F... uma coisa que eu não me arrependi foi ter <u>botado ela</u>, com um ano e quatro meses.</i>
‘objeto nulo’	<i>Esse é um material rico, um material caro, então não <u>joguem</u> s fora.</i>
‘sintagma nominal’	<i>[...] Vocês estão <u>vendo aqui a glândula</u> mamária, <u>vêm aqui a glândula</u>.</i>

1.4.1.4 A pesquisa de Silva (2004)

Silva (2004) na sua dissertação intitulada: “*Objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro*” considerou tanto grupos de fatores linguísticos quanto extralinguísticos. Para os grupos de fatores linguísticos, foram controlados os seguintes: 1) forma verbal; 2) estrutura sintática da frase; 3) presença/ausência do sujeito na oração; 4) tipo de oração onde ocorre; 5) posição da ocorrência em relação ao antecedente; 6) topicalização; 7) distância em relação à primeira menção; 8) condicionamento semântico do objeto; 9) tipo de elocução; 10) antecedente mais próximo; 11) referencialidade. Em se tratado dos grupos de fatores sociais, a autora considerou a faixa – etária, o gênero, o estado fora da comunidade e as comunidades. Em relação à ‘animacidade do referente’ o traço [+animado] favoreceu o uso do ‘pronome lexical’ com o peso relativo (0,80); enquanto o traço [-animado] desfavoreceu-o, apresentado peso relativo (0,32). Vale destacar que nesse fator a variante ‘categoria vazia’ é a forma que mais se destaca na fala da comunidade pesquisada.

Na variável ‘forma do antecedente mais próximo’ a pesquisa de Silva (2004) mostrou que a preferência de uma das variantes favorece a sua escolha. Estes resultados mostram um paralelismo em que “marcas levam a marcas e zeros levam a zeros” (POPLACK, 1980, APUD SCHERRE & NARO, 2003).

Na estrutura sintática da frase a variante ‘*categoria vazia*’ é a mais produzida na construção SVO⁴, estrutura básica do português brasileiro. Já a variante ‘*pronome lexical*’ ocorre tanto na estrutura de predicação verbal ou nominal, conforme as sentenças: “sobe não, né?... a vez, **eu vejo eles, contá**, mas num predei na mente não” ou “ Você colhe ele ININT, ele tem aqueles dente, aqueles cacho, **você quebra eles sem folha**”.

Em se tratando da ‘referencialidade do antecedente’ do objeto direto anafórico o traço [+específico] e o traço [+animado] favorecem o uso do ‘pronome lexical’, enquanto a variante ‘*categoria vazia*’ é favorecida conforme o referente perde a sua referencialidade. A variável a presença/ausência do sujeito na oração não é um fator decisivo para a escolha das variantes em análise, já que o valor dos pesos relativos se aproximam mostrando um certo equilíbrio. No grupo de fator presença e ausência do sujeito o resultado mostra que a ausência do sujeito favorece a variante ‘*categoria vazia*’ (0,55), já a presença do sujeito beneficia o uso do ‘pronome lexical’ (0,56).

Na ‘forma verbal’ o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito favoreceram o uso da ‘*categoria vazia*’ (0,66), Já o presente do indicativo favoreceu a variante ‘pronome lexical’ com o peso relativo (0,62). Em se tratando da ‘posição da ocorrência em relação ao antecedente’, nesse contexto as variantes se comportaram da seguinte forma – as variantes ‘pronome lexical’ e ‘*categoria vazia*’ alcançaram na variável Oração Coordenada Sindética um peso relativo (com 0,35 contra 0.65), já na variável ‘Oração Coordenada Assindética em diante’ as variantes trocaram de papel e se comportaram de forma inversa (com 0,68 contra 0,32).

Na variável sexo do informante, as mulheres mostraram mais conservadora que os homens, sendo que a variante mais utilizada pelos homens foi o ‘pronome lexical’ ultrapassando o uso na fala das mulheres. Em se tratando da variável faixa-etária, nota-se que o percentual da variante ‘pronome lexical’ diminui com os informantes da faixa III. Logo as variantes ‘*categoria vazia*’ e ‘*sintagma nominal*’ são favorecidas nessa

⁴ Sujeito
Verbo
Objeto

faixa-etária, nas faixas I e II o uso do ‘pronome lexical’ aumenta passando de 12% para 14%, enquanto diminui o uso da variável ‘sintagma nominal’ 16%, 13% na faixa II e faixa I. A variante ‘categoria vazia’ é desfavorecida apenas na faixa II. No Quadro 5, são apresentados os exemplos:

Quadro 5 Exemplos das variantes do objeto direto anafórico na pesquisa de Silva (2004)

Variantes	Exemplos
‘pronome lexical’	<i>É, melhorando. Então acredito no que os mais velhos fala porque, eu mesmo num conhe...conheci negócio de energia aqui...meus filho já <u>conhece</u> ela.</i>
‘objeto nulo’	<i>Faço tudo. [...] Eu vem de manhã, coloco o fêjão no fogo e <u>deixa</u> s aí.</i>
‘sintagma nominal’	<i>Com remédio, <u>comprava</u> purgante, dava eles purgante, fazia azeite de baga e <u>dava</u> purgante.</i>

1.4.1.5 A pesquisa de Luz (2007)

Outra pesquisa trabalhou esse fenômeno linguístico com o título “Velejando sobre as águas da retomada anafórica do objeto direto: um cruzeiro na fala em salvador”, os fatores sociais selecionados foram os seguintes: i) gênero/sexo; ii) faixa etária; iii) escolaridade.

Para as variáveis linguísticas a pesquisadora considerou i) as formas verbais; ii) a animacidade do antecedente; iii) a especificidade do antecedente; iv) a estrutura sintática da oração; v) o termo entre o verbo e o objeto; vi) o paralelismo discursivo.

Na Tabela 1, são apresentados os resultados da pesquisa de Luz (2007).

Tabela 1 Objeto direto em referência anafórica em Salvador

Variantes	Ocorrências	%
clítico acusativo	21	1,1
Pronome lexical	310	16,0
Objeto nulo	1218	61,0
Sintagma nominal	443	22,0
Total	2002	100

Fonte: luz (2009, p. 87) adaptado

Nota-se na Tabela 01 que o percentual da variante ‘objeto nulo’ (61,0%) supera as ocorrências de todas as outras variantes. Enquanto o ‘clíticos acusativo’, simplesmente aparecem com um percentual muito baixo de apenas (1,1%). Enquanto o ‘pronome lexical’ alcançou (16,0%) e o ‘sintagma nominal’ obteve (22,0%) das ocorrências.

Em se tratando da variável sexo, os resultados apresentados por Luz (2009), mostra que os homens e as mulheres usam com maior frequência a variante ‘objeto nulo’, porém as mulheres empregam com maior intensidade que os homens com (65%

contra 56%). No ‘Sintagma nominal’ as mulheres também sobressaem os homens com (81% versus 84%).

No fator escolaridade o uso do ‘clítico acusativo’ foi aumentando conforme os anos de escolarização, pois comparando o uso dessa variante no ensino fundamental e superior, nota-se que o primeiro nível utilizou (1%) das ocorrências, já o segundo nível alcançou (2%). Então nessa investigação se pode afirmar que o uso do ‘clítico acusativo’ é obtido no decorrer do processo de escolarização.

A variante ‘pronome lexical’ se comportou da seguinte maneira na escolaridade: os informantes com ensino fundamental alcançaram (28%), no ensino médio (14%) e no ensino superior (4%), vale dizer que essa variante é forma estigmatizada, portanto era de se esperar que os falantes do ensino superior não fizessem uso de tal forma, assim além de utilizarem 25 vezes alcançaram um percentual de 4% das ocorrências.

A variante ‘Sintagma Nominal anafórico’ no ensino fundamental obteve (20%) contra (30%) no ensino superior, isso mostra que os informantes de certa forma evitam as formas estigmatizadas e adotam as variantes sem valor social. É importante mencionar que o ‘objeto nulo’ foi favorecido em todos os grupos analisados.

Quanto à ‘forma verbal’ (imperativo, infinitivo, gerúndio, auxiliar + particípio, presente, pretérito perfeito, pretérito imperfeito, mais que perfeito, futuro do presente, futuro do pretérito, locução com infinitivo, locução com gerúndio), a autora chegou à conclusão das formas verbais que mais favorece e menos favorece o uso das quatro variantes: ‘objeto nulo’, ‘pronome lexical’, ‘sintagma nominal anafórico’, ‘clítico acusativo’. Em se tratando da primeira variante (objeto nulo) a pesquisa obteve um percentual de 66% com o pretérito Imperfeito, enquanto no futuro do pretérito e a forma mais que perfeito não houve caso de tal variante. A segunda variante (pronome lexical) alcançou 38% com o imperativo e não pontuou no mesmo contexto do ‘objeto nulo’. A terceira variante (sintagma nominal anafórico) obteve uma porcentagem significativa alcançando 100% no futuro do pretérito, enquanto na forma mais que perfeito não houve ocorrência. Já a quarta e última variante (clítico acusativo) em algumas formas verbais o uso foi bastante reduzido com uma porcentagem de 2% no infinitivo, de modo que nas formas imperativo, gerúndio, auxiliar + particípio, pretérito imperfeito, mais que perfeito, futuro do presente, futuro do pretérito e locução com gerúndio o uso foi inexistente. No que se refere ao ‘traço semântico do antecedente’ a pesquisa de Luz (2009) alcançou, em sua análise, os percentuais que foram assim distribuídos: no traço [+animado] a autora encontrou 94% de ‘pronome lexical’, 62% de ‘clítico acusativo’,

29% de ‘objeto nulo’, 19% de ‘*sintagma nominal anafórico*’. Já no traço [-animado] as variantes se comportaram assim 81% de ‘*sintagma nominal anafórico*’, 71% de ‘objeto nulo’, 38% de ‘clítico acusativo’ e 6% de ‘pronome lexical’. Dessa forma a referida pesquisa mostrou que a variável animacidade do antecedente é essencial para a escolha das variantes. No que diz respeito, ao ‘traço especificidade do antecedente’, pode-se notar que no traço [+ específico] as maiores ocorrências foram com o ‘pronome lexical’ e com o ‘clítico acusativo’, com percentuais de ocorrência, respectivamente em 93% e 86%. No que se refere a variante ‘objeto nulo’ e o ‘*Sintagma Nominal anafórico*’ mesmo ficando em terceira e quarta colocação alcançaram percentuais significativos (77% e 75%). Em se tratando do traço [- específico], há um certo equilíbrio quanto ao uso das variantes. Os percentuais de ocorrência foram: 25% para o ‘*sintagma nominal anafórico*’, 23% para o ‘objeto nulo’, 14% para o ‘clítico acusativo’, 7% para o ‘pronome lexical’.

No que se refere à estrutura sintática da oração, a variável “Negação + SN (obd) + V” (Negação mais sintagma nominal objeto direto mais verbo) foi decisiva para escolha da variante ‘objeto nulo’ alcançado 100% das ocorrências, enquanto no contexto “V + SN ou SP + SN (obd)” (Verbo mais sintagma nominal objeto direto mais sintagma) não houve casos dessa variante. O ‘pronome lexical’ foi favorecido no contexto “V + SN (obd) + pred.” (Verbo mais sintagma nominal objeto direto mais predicativo) obtendo 34% dos resultados, enquanto a variante ‘*sintagma nominal*’ apresenta maior produção na variável “V + SN ou SP + SN (obd)” (Verbo mais sintagma nominal objeto direto mais sintagma) com 72%, já o ‘clítico acusativo’ apesar de uma porcentagem baixa com apenas 2% de uso tem maior representação no contexto “SN (obd) + V” (Sintagma nominal objeto direto mais verbo) Vale registrar que as variantes ‘pronome lexical’, ‘*Sintagma Nominal*’ e ‘clítico acusativo’ foram inexistente na estrutura sintática “Neg + SN (obd) + V” (Negação mais sintagma nominal objeto direto mais verbo). A ausência de um termo interveniente entre o verbo e o objeto direto agiu da seguinte maneira em primeiro lugar sobressaiu o ‘objeto nulo’ com (62%), em segundo ‘pronome lexical’ (16%), terceiro ‘*sintagma nominal anafórico*’ (21%) e quarto ‘clítico acusativo’ (1%). No que tange a presença de um termo interveniente entre o verbo e o objeto direto, esse contexto favoreceu a presença do ‘pronome lexical’ (27%) e ‘*sintagma nominal anafórico*’ (73%). Já a ‘categoria vazia’ e o ‘clítico acusativo’ não ocorreram com a presença de termo interveniente. A variável ‘paralelismo discursivo’ mostrou que a preferência de uma das variantes favorece a sua

repetição. Assim sendo as variantes ‘objeto nulo’ e ‘pronome lexical’ tendem para a sua subsequente repetição (87% verso 68%), a variante ‘sintagma nominal anafórico’ não favoreceu a sua repetição perdendo para o ‘objeto nulo’ com (45% contra 43%). Seguem os exemplos no Quadro 6:

Quadro 6 Exemplos das variantes do objeto direto anafórico na pesquisa de Luz (2009)

Variantes	Exemplos
‘clítico acusativo’	<i>Essas duas jovens senhoras [...] que deus os <u>abençoe</u>.</i>
‘pronome lexical’	<i>Ela trabalhava no Aquidabã, e eu ia comprar carvão lá no Pelourinho, então minha vida foi <u>ajudando ela</u>.</i>
‘objeto nulo’	<i>Eu leio um livro vou <u>comentar</u> Ø depois.</i>
‘sintagma nominal’	<i>era um lugar que talvez facilitasse porque não <u>passava carro</u>, não passava, então a gente brincava, tinha essa liberdade <u>temendo carro</u>, não é?.</i>

Após o resumo das pesquisas realizadas sobre o fenômeno em variação do objeto direto anafórico, em diversas regiões do Brasil, o Quadro 7 foi organizado para um melhor entendimento dos condicionadores linguísticos e extralinguísticos selecionados.

Quadro 7 Trabalhos sobre o objeto direto anafórico no Português do Brasil

Autor/a	Tipo de trabalho/Título	Região/Estado/cidade	Universidade	Fatores Condicionadores	
				Linguísticos	Extralinguísticos
Corrêa, (2014)	Dissertação: “A realização do objeto direto anafórico na fala do Araguaense: mudança em progresso?”	Cáceres/MT	Universidade do Estado de Mato Grosso	natureza semântica do antecedente: [+] animado [-] animado; [+] específico ou [-] específico	- Sexo; - Faixa etária; - Escolaridade
Neiva, (2007)	Dissertação: “Objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala culta de Salvador: o clítico em desuso”	Salvador	Universidade Federal da Bahia	1) a estrutura da oração; 2) o traço semântico; 3) o tempo e o modo do verbo; 4) a forma da referência anterior e a ausência/presença de termo(s) interveniente(s) entre o objeto e o verbo.	1) gênero; 2) faixa etária; 3) o grau de formalidade do discurso; 4) a localização do fenômeno em variação no tempo
Silva, (2004)	Dissertação: “Objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro”	Salvador	Universidade Federal da Bahia	1) forma verbal; 2) estrutura sintática da frase; 3) presença/ausência do sujeito na oração; 4) tipo de oração onde ocorre; 5) posição da ocorrência em relação ao antecedente; 6) topicalização; 7) distância em relação à primeira menção; 8) condicionamento semântico do objeto; 9) tipo de elocução; 10) antecedente mais próximo; 11) referencialidade.	1) faixa – etária; 2) gênero; 3) estado fora da comunidade; 4) a comunidades
Luz, (2009)	dissertação: “Velejando sobre as águas da retomada anafórica do objeto direto: um cruzeiro na fala em Salvador”	Salvador	Universidade do Estado da Bahia	1) as formas verbais; 2) a animacidade do antecedente; 3) a especificidade do antecedente; 4) a estrutura sintática da oração; 5) o termo entre o verbo e o objeto; 6) o paralelismo discursivo.	1) gênero/sexo; 2) faixa etária; 3) escolaridade

O Quadro 8 apresenta informações complementares sobre os percentuais resultantes das quatro variantes do objeto direto anafórico em vários estados no Brasil.

Quadro 8 Realizações do objeto direto anafórico em alguns Estados brasileiros

Pesquisas	Clítico	Pronome lexical	SN anafórico	Objeto nulo
Omena (1978) – RJ	-	24,0%	-	76%
Pereira (1981) – RJ	0,9%	-	41,3%	57,8%
Duarte (1986) – SP	4,9%	15,4%	17,1%	62,6%
Malvar (1992) – DF	1,0%	25,0%	28,0%	46%
Pará (1997) – RJ	-	14,0%	24,0%	63%
Luíze (1997) – SC	1,0%	9,0%	36,0%	54%
Averbug (1998) – RJ	0,25%	15,15%	41,5%	43,1%
FUI3 (02) – SE	-	10%	23,2%	66,6%
Matos (2005) – SE	-	9,4%	22,3%	68,3%

(apud MATOS, 2005)

Para ilustrar exemplos do fenômeno em análise, apoiou-se na pesquisa de Duarte que analisou a fala paulistana. Vide os exemplos fornecido pela pesquisadora:

- p) *‘clítico acusativo’*: Não sei por onde anda a Maria. Não **a** tenho visto ultimamente.
- q) *‘pronome lexical’*: O senhor não pode acreditar neles. Eu vi **eles** abrindo a porta do meu carro.
- r) *‘objeto nulo’*: Eu não vejo \emptyset faz um tempão.

As pesquisas mostram que a configuração do objeto direto anafórico no Português do Brasil, na atualidade, mudou, não se restringindo mais às variantes formais, recomendadas pelas gramáticas. Portanto, as quatro variantes identificadas e descritas pelas pesquisas descritas nos tópicos anteriores podem ser encontradas na fala tefeense, sendo influenciadas por fatores intralinguísticos e extralinguísticos.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo, são abordados os seguintes tópicos: corpus da pesquisa, locus, envelope de variação e os condicionadores linguísticos e extralinguísticos.

2.1 O corpus

Esta investigação toma por base entrevistas gravadas, com intuito de descrever a variedade linguística da fala tefeense, no que se refere ao fenômeno de ocorrência do objeto direto anafórico.

Vale mencionar que a despeito de haver um Banco de Dados de fala na comunidade investigada, realizado por bolsistas do Programa de Apoio a Iniciação Científica (PAIC) entre os anos de 2011 e 2012, optou-se em fazer todos os passos de uma pesquisa sociolinguística, considerando as variáveis previstas para essa pesquisa.

Dessa forma, os dados deste *corpus* são constituídos exclusivamente de falantes tefeenses, nascidos em Tefé ou que tenham chegado à cidade com até, no máximo, três anos de idade, e de 4 a 8 anos de escolaridade, no primeiro grupo, e de 9 a 11 anos de escolaridade, no segundo grupo. O primeiro passo foi selecionar os informantes, para depois separar as entrevistas, e assim levantar todas as ocorrências do fenômeno para, em seguida, analisá-las e traçar o perfil do comportamento linguístico da cidade de Tefé/AM em relação às estratégias de uso do objeto direto anafórico. No Quadro 9, é listado o código para cada informante.

Quadro 9 Códigos e perfis dos informantes

Código	Perfil dos informantes
AMF	1ª faixa etária, 4 a 8 anos de escolarização, mulher.
AMT	1ª faixa etária, 9 a 11 anos de escolarização, mulher.
AHF	1ª faixa etária, 4 a 8 anos de escolarização, homem.
AHT	1ª faixa etária, 9 a 11 anos de escolarização, homem.
BMF	2ª faixa etária, 4 a 8 anos de escolarização, mulher.
BMT	2ª faixa etária, 9 a 11 anos de escolarização, mulher.
BHF	2ª faixa etária, 4 a 8 anos de escolarização, homem.
BHT	2ª faixa etária, 9 a 11 anos de escolarização, homem.
CMF	3ª faixa etária, 4 a 8 anos de escolarização, mulher.
CMT	3ª faixa etária, 9 a 11 anos de escolarização, mulher.
CHF	3ª faixa etária, 4 a 8 anos de escolarização, homem.
CHT	3ª faixa etária, 9 a 11 anos de escolarização, homem.

As entrevistas foram gravadas no aparelho celular marca SAMSUNG –J7 com duração mínima de 30 minutos e máxima de 1 hora, no período de janeiro a abril de 2019.

No total foram entrevistados 12 informantes, obedecendo aos seguintes critérios: três faixas etárias I (18 – 35), II (36 -55) e III (56 em diante). Em cada faixa etária há 2 informantes de ambos os sexos e de dois níveis de escolaridade (4 a 8 anos de escolarização e 9 a 11 anos de escolarização). A escolha das faixas etárias, segundo Martins (2013, p. 81), segue a do ALAM⁵ (CRUZ, 2004) para que se possa constituir um banco de dados de fala do Amazonas com o mesmo perfil.

As entrevistas do *corpus* são do tipo *diálogo informal* entre o informante e o entrevistador. No Quadro 10, a seguir, encontra-se o perfil dos informantes que compõem o *corpus* desta pesquisa.

Quadro 10 Corpus classificados para análise

Características dos informantes				
Faixa Etária	Sexo	Escolaridade		Nº de Total de Informantes
		4 a 8 anos de escolarização	9 a 11 anos de escolarização	
18 – 35	Masculino	1	1	2
	Feminino	1	1	2
36 – 55	Masculino	1	1	2
	Feminino	1	1	2
56 em diante	Masculino	1	1	2
	Feminino	1	1	2
Total				12

2.1.1 O Locus da pesquisa

O município de Tefé possui uma área territorial de 23.808 quilômetros quadrados, distando 516 quilômetros de Manaus em linha reta, e 663 quilômetros por via fluvial. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade possui atualmente uma população de 59, 849 habitantes e apresenta uma densidade populacional de 2,52 habitantes por km². A seguir, a Figura 1 mostra o mapa do município:

⁵ Atlas Linguístico do Amazonas. Tese de doutorado defendida por Maria Luíza de Carvalho Cruz-Cardoso. O trabalho foi apresentado ao programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, Faculdade de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 2004.

Figura 1 Mapa Do município de Tefé



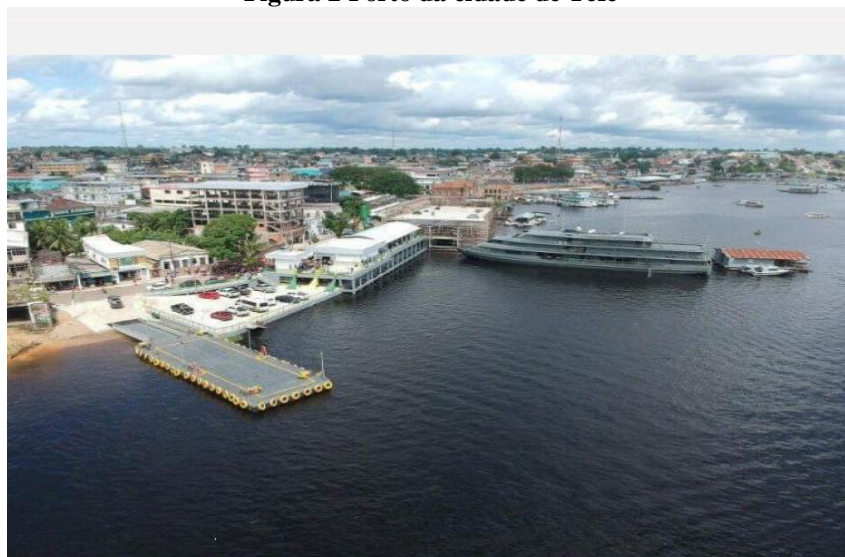
Imagem: Luiz Eduardo Miranda/Portal Amazônia⁶

Sendo assim, a cidade de Tefé é considerada a mais antigas do Estado do Amazonas e que tem uma trajetória marcada por inúmeros acontecimentos históricos que datam do período da colonização na região. Sua localização geográfica faz da cidade um importante núcleo urbano para a região do Médio Solimões.

A história de Tefé se confunde com a própria história da Amazônia Ocidental, e tem um conteúdo rico em passagens históricas que marcaram a colonização na região. A cidade de Tefé está situada à margem direita do Lago de Tefé e faz parte dos municípios que compõe o Médio Solimões. A cidade está distante de Manaus 516 Km em linha reta e 663 Km por via fluvial. (PESSOA, 2006, p. 7)

A seguir, na Figura 2 e 3, são mostradas as imagens recentes do Porto e do Aeroporto do município de Tefé:

⁶https://br.images.search.yahoo.com/yhs/search?p=Imagem%3A+Luiz+Eduardo+Miranda%2FPortal+Amazonia%3B4nia&fr=yhs-omr-001&hspart=omr&hsimp=yhs-001&imgurl=http%3A%2F%2Fpainel.portalamazonia.com%2Fuploads%2FRTEmagicC_aviao-mapa-tefe-tabatinga.png.png#id=1&iurl=http%3A%2F%2Fpainel.portalamazonia.com%2Fuploads%2FRTEmagicC_aviao-mapa-tefe-tabatinga.png.png&action=click. Acessado em 19.03.2020

Figura 2 Porto da cidade de Tefé

Fonte: Portal da Prefeitura de Tefé⁷

Figura 3 Aeroporto da cidade de Tefé

Fonte: Correio da Amazônia (2016)⁸

De acordo com Schaeken (1997), Tefé é uma das cidades mais antigas do Estado do Amazonas, sendo provavelmente fundada entre 1686 e 1688, pelo missionário austríaco Pe. Samuel Fritz que, por muito tempo, prestou serviços de evangelização para a Espanha.

Desse modo, a história da cidade se inicia durante o chamado período da conquista e colonização da Amazônia no século XVII. Esse é o momento de importantes disputas territoriais proporcionadas pelas congregações e ordens religiosas, que estavam na região a serviço tanto de Portugal quanto da Espanha.

⁷ <https://tefe.am.gov.br/conheca-tefe/>. Acessado em 19.03.2020.

⁸ <https://correiodamazonia.com/aeroporto-de-tefe-completa-48-anos-sob-administracao-da-infraero/>. Acessado em 19.03.2020

A conquista se inicia com as missões espanholas no século 17, consolidadas com o trabalho do padre jesuíta Samuel Fritz, que em 1688 fundou a missão de Santa Tereza D'Ávila dos Auxiaris, na barra do rio Tapi (Tefé). Logo a seguir vieram os carmelitas portugueses para disputarem o território com os espanhóis, foram combatidos por estes sob o comando do jesuíta João Batista Sanna, até que finalmente em 1710, o governo do Pará mandou uma tropa para expulsar os missionários espanhóis da região (PESSOA, 2006, p. 7).

Outros relatos, porém, atribuem a fundação da cidade aos missionários Carmelitas, especificamente ao Frei André da Costa que supostamente fundou um aldeamento com os índios que foram trazidos de outras aldeias e missões no ano de 1718. Pessoa afirma que:

Foi o carmelita Frei André da Costa, que reuniu os sobreviventes das aldeias e missões destruídas e os trouxe para o lugar onde fica hoje a cidade, fundando em 1718 a Missão de Santa Tereza D'Ávila dos Tupebas, que se desenvolveu e originou a cidade de Tefé (PESSOA, 2006, p.7).

De acordo com Pessoa (2006), o antigo aldeamento se desenvolveu e sob o governo de Marquês de Pombal que promoveu uma política de expulsão dos religiosos da Amazônia, a antiga Missão de Santa Tereza, foi elevada à categoria de Vila que recebeu o nome de Ega, nome de origem europeu.

Em meados do século 18 sob a influência do Marques de Pombal, que promoveu a expulsão dos jesuítas, a Carta Régia de 7 de junho de 1755 descaracterizou o aspecto missionário da colonização, criando um novo sistema administrativo para a região. A administração da missão de Santa Tereza D'Ávila foi transformada em diretório, e foi criado o município com o nome de Ega então com 498 habitantes (PESSOA, 2006, p. 7).

Conforme Pessoa (2006) posteriormente, no ano de 1855, a Vila de Ega foi elevada à categoria de cidade, recebendo o nome de Tefé, sendo constituída uma das mais importantes cidades do Estado do Amazonas naquele momento e em tempos atuais.

Em 1855, o deputado João do Rego Dantas apresentou à Assembleia Legislativa Provincial o projeto Resolução propondo a evolução com o nome da cidade de Nova Terezinha. Após discussão e votação, foi aprovada a Resolução n. 44, em 15 de junho de 1855, elevando Ega à categoria de cidade, com o nome consagrado de Tefé, originário do topônimo, Tupebas, numa variação sucessiva para Tepé, Tephé, Teffé e Tefé (PESSOA, 2006, p.7).

De acordo com Pessoa (2006), a localização geográfica do município é um pólo economicamente promissor, sendo uma área abrangente e gigantesca (essa informação pode ser confirmada na figura 1, na qual mostra o mapa da cidade) ocupando originalmente todo o lado direito do Rio Solimões, fronteira com a Colômbia e o Peru

até o rio Tefé, incluindo os vales dos rios Javari, Juruá e Purus, foi no passado um grande produtor do extrativismo *in natura*. Antigamente, a produção econômica do município compreendia a pesca do pirarucu, que era vendido seco, a castanha que o município era um grande produtor, a borracha em pequena escala, a farinha de mandioca, que mal dava para a alimentação da população, mel de cana, açúcar mascavo e cachaça em três engenhos.

Segundo Pessoa (2006), na dimensão cultural a cidade foi influenciada pelos diversos povos que participaram do processo de colonização, principalmente os indígenas, os negros e os europeus. Essas manifestações culturais estão presentes tanto na música, nas danças, na comida, na maneira de falar e em outras formas de expressão que fazem parte da cultura. A herança cultural europeia está presente muito fortemente nas ações de evangelização que os missionários promoveram na cidade, principalmente os missionários Espiritanos que marcam presença na região desde o ano de 1897. Desse modo, os missionários, para poder completar os ensinamentos catequéticos, usavam a encenação de quadros religiosos, utilizando os neófitos. Pela apresentação ficava mais fácil assimilar a mensagem evangélica porque todos viam as personagens e entendiam o que os missionários ensinavam.

Ainda há algumas apresentações de cunho religioso como é a pastorinha e o pastoral. Outras danças típicas do colonizador europeu eram o Barqueiro, o Imperial, o Lanceiro e quadrilha. Todas essas danças e encenações eram realizadas nas praças públicas durante as chamadas festas juninas que acontecem durante muitos anos na cidade. Não podemos deixar de citar também a Ciranda que é uma dança muito famosa em outros municípios do Amazonas que segundo relatos antigos se originou na cidade de Tefé. Segundo se conta a Ciranda surgiu de uma rivalidade que houve entre Nogueira e Tefé. Nogueira era muito mais importante que a Vila de Tefé. Desta rivalidade foi criada a Ciranda (PESSOA, 2006, p. 180).

Na dimensão cultural, a cidade é rica em diversas manifestações culturais dos diversos povos que a constituíram. Segundo Pessoa (2006), a herança cultural indígena também era e é muito valorizada na cidade, através de danças, encenações e outras manifestações artísticas. Nessas danças e apresentações se fazem referência, principalmente, ao universo mítico e cosmológico indígenas sempre carregados de magia e de mistério. Desse modo, a população rememora e torna presente suas raízes por meio das danças, dos mitos, e outras expressões culturais indígenas, das quais destacam-se, por exemplo, as danças do Curupira que é típica da etnia Kambeba, a dança do indiozinho e outras manifestações artísticas que são apresentadas durante os festivais folclóricos em Tefé que são realizados todos os anos.

Em Tefé, as manifestações folclóricas aparecem desde o início da história do município. A população, nos tempos coloniais era formada por indígenas que com suas festas, danças e ritos, criaram na mentalidade popular o gosto pelo modo de vida daqueles povos que desapareceram (PESSOA, 2006, p. 180).

Ainda de acordo com Pessoa (2006), a cultura de Tefé também recebeu fortes heranças culturais negras presentes também nas danças e encenações de rituais afros. A dança Afro-América surgiu em 1988 e foi criada em homenagem aos cem anos da abolição da escravidão, pelas professoras de uma Escola do Município:

A dança afro-américa surgiu em 1988, criada em homenagem aos cem anos da abolição da escravidão, pelas professoras da Escola São José, orientadas por uma professora angolana que ensinou todos os passos das danças africanas introduzidas [...] A dança Africana surgiu por volta de 1970, oriundas das Festas de São Benedito que se celebrava no Bairro de Olaria. Todas as músicas e ritos foram copiados da festa de mastro de São Benedito. Portanto, foi criada no município (PESSOA, 2006, p. 180).

Desse modo, tanto a dança Africana, com a Afro-América ainda continuam se apresentando nos festivais juninos realizados na cidade no mês de junho. As festas São Benedito a partir da década de 1990 não foram mais realizadas no Bairro de Olaria.

Conforme Pessoa (2006), a cultura nordestina também se faz presente no município por meio do Cangaço de Lampião e Maria Bonita. Os personagens lembravam os cangaceiros que seguiam Lampião. Não pode deixar de ser citado o boi-bumbá sempre apresentado nos festivais pelos alunos das escolas municipais do município.

Pessoa (2006) aponta que a principal manifestação cultural realizada em Tefé é a festa da Castanha. Na festa da castanha se fazem apresentações de pratos e produtos típicos da castanha. Durante a festa também é escolhida a rainha da castanha, sendo a moça mais linda do Festival. Esta festa é realizada principalmente no final do mês de setembro.

O Prefeito Armando se preocupava com a cultura popular, promovendo o folclore todos os anos, o carnaval, os eventos cívicos e incentivando concursos culturais de poesia e redação. Por isso, um dos seus atos foi criar pelo Decreto n. 13/18 de 15 de março de 1978, a Festa da Castanha. Seria uma festa cívico-cultural, para incentivar o turismo, pois ao mesmo tempo, se enaltecia o município. Se promovia concursos de danças, poesias, redação, comidas típicas feitas com a castanha e objetos com a fibra de castanheira (PESSOA, 2006, p. 150).

Predominam em Tefé, e essa é uma herança antiga resultante da presença da Igreja Católica, as festas religiosas dos Santos Padroeiros entre eles: São Pedro, Santo Antônio, as festas do Divino Espírito Santo que é comemorada principalmente nas comunidades ribeirinhas, e a festa da padroeira da cidade Santa Tereza que reúne um

grande números de fiéis e peregrinos dos diversos cantos do Estado do Amazonas. A festa de Santa Tereza é comemorada na praça de Santa Tereza, onde está construída a Igreja Catedral de Santa Tereza que é um dos cartões postais da cidade e também ponto turístico. A igreja foi inaugurada em 10 de outubro de 1935.

Figura 4 Praça e igreja de Santa Tereza padroeira da cidade Tefé



Imagem: Fato amazônico (2020)⁹

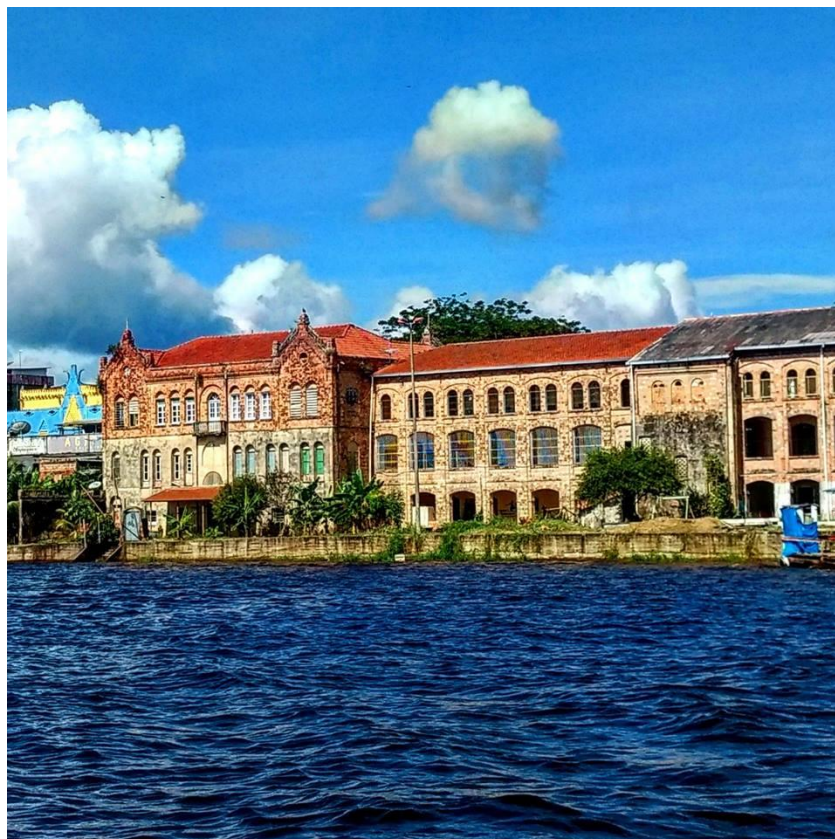
Segundo Pessoa (2006), outro ponto turístico que chama a atenção do visitante em Tefé é o prédio do Seminário São José que está situado bem no porto fluvial da cidade. O Seminário São José foi inaugurado no ano de 1919 pelos chamados Padres Espiritanos. Este prédio desempenhou um papel singular na história do município sendo ponto de referência para a educação no município e mesmo no Estado do Amazonas nos anos iniciais do século XX, quando há um intenso trabalho de catequização na cidade.

O Seminário se tornou uma das mais importantes escolas do Alto Solimões. De todos os municípios vinham rapazes estudar. O seminário encerrou suas atividades em 1964, quando se tornou Ginásio do Espírito Santo. Diante do Seminário, ficava o jardim Bernado Batalha que, mais tarde, passou a se chamar Jardim João Crisóstomo, um competente professor que bons serviços prestou à população da sede municipal (PESSOA, 2006, p. 76).

Na Figura 6, visualiza-se a imagem do Seminário São José considerado patrimônio cultural do município:

⁹<https://www.fatoamazonico.com/tefe-se-prepara-para-festejos-de-santa-teresa-davila-padroeira-da-cidade/>. Acessado em 19.03.2020

Figura 5 Seminário São José na cidade de Tefé



Fonte: Foto de Marcus Pessoa¹⁰

De acordo com Pessoa (2006), a cidade de Tefé está dividida nas seguintes partes: centro e 16 bairros, sem incluir a Vila Militar. Cada bairro possui suas ruas e quarteirões, uns bem estruturados e outros em condições precárias (geralmente periferias) onde predominam as populações mais carentes.

Os bairros são: Olaria, Abial, Santo Antônio, Nossa Senhora de Fátima, Monte Castelo, Juruá, São Francisco, Santa Tereza, Mutirão, São Raimundo, Nova Esperança, Jerusalém, Santa Rosa, Fonte Boa, e São João. Além desses bairros, há que se considerar a Vila Militar. Também outros bairros se formaram recentemente. São eles: Vila Nova, Colônia Ventura, Jardim Lara, e outros bairros ainda em formação (PESSOA, 2006, p. 207).

Ainda de acordo com Pessoa (2006) a cidade possui alguns bairros muito antigos como o Bairro de Olaria, Santo Antônio, Monte Castelo, Bairro do Juruá, Bairro de Santa Rosa e o próprio Centro Urbano.

O Bairro do Monte Castelo foi o primeiro a ser construído, em 1969, e recebeu este nome porque o terreno era formado por um pequeno morro e Monte Castelo, se referindo ao campo de batalha onde os Expedicionários da FEB lutaram e venceram a batalha na Itália durante a II Guerra Mundial. Este

¹⁰ <https://tefe.am.gov.br/2018-o-que-fazer-em-tefe-os-5-melhores-pontos-turisticos/>. Acessado em 19.03.2020.

bairro tem 08 ruas com 142 casas. Tem um Shopping, duas escolas estaduais, duas municipais, um centro social, igrejas Evangélicas, Igreja Católica, uma escola de crianças, uma agência do INSS, quatro motéis, quatro clubes, uma emissora de rádio, uma emissora de TV. (PESSOA, 2006, p. 129)

Segundo Pessoa (2006), o Bairro de Santo Antônio foi ocupado no ano de 1969, por moradores que vinham do rio Solimões, fugindo das enchentes e construindo ao mesmo tempo em que foi constituído o Monte Castelo. Tem esse nome em homenagem ao Santo Padroeiro dado pelos próprios moradores.

Pessoa (2006) também faz referência ao bairro de Juruá que tem sua história iniciada com os emigrantes que vinham dos Rios Juruá e do Solimões. Esse bairro foi construído entre os anos de 1960 a 1970. Como a maioria da população veio do Juruá, o bairro recebeu este nome em homenagem àquele Rio. É um bairro bastante desenvolvido, colocando-se entre um dos melhores da cidade. É um dos mais populosos da cidade e também um dos mais extensos territorialmente. O bairro de Santa Rosa é um bairro pequeno que se situa nas proximidades do Cemitério Catedral da Saudade e foi povoado por pescadores e moradores do lago de Tefé e do Paraná da Missão. Já o Centro da cidade se configura como um espaço que vem se desenvolvendo juntamente com a história da cidade uma vez que a cidade se expandiu a partir de suas delimitações. É o espaço mais urbanizado da cidade, abrigando vários empreendimentos comerciais, as sedes das instituições governamentais estaduais e municipais e outros prédios.

2.1.2 Envelope de variação

Nesta seção, é apresentado o envelope de variação considerado na presente pesquisa. Assim para entender esse termo, recorreu-se à definição de Coelho *et al.* (2015, p. 119), conforme a citação abaixo:

Envelope de variação é o nome dado, em um estudo sociolinguístico, à descrição detalhada de uma variável, de suas variantes e dos contextos em que elas podem ou não ocorrer, ou seja, de como exatamente um fenômeno em variação está se manifestando na língua.

Sob esta ótica, são definidas, a seguir, as variantes do objeto direto anafórico e os condicionadores linguísticos e extralinguísticos que contemplam o uso das formas em análise. As variantes que estão em disputas pela expressão do fenômeno variável são quatro: ‘clítico acusativo’, ‘pronome lexical’, ‘objeto nulo’ e ‘sintagma nominal’. Assim, foi conceituado cada termo conforme a ordem de apresentação:

i) ‘Clítico Acusativo’: é o pronome oblíquo átono. É a única variante mencionada e de uso aprovada pelas GNs para ocupar a função de objeto direto

anafórico. É importante esclarecer que os pronomes oblíquos nos estudos sociolinguísticos recebem o nome de ‘clítico acusativo’ (*o, a, os, as*). Várias pesquisas no Brasil revelam um desaparecimento dessa variante na fala dos brasileiros, de modo que está sendo substituída por outras variantes (‘sintagma nominal’, ‘pronome lexical’ e ‘objeto nulo’).

ii) ‘Pronome Lexical’: acontece quando um falante completa o sentido do verbo transitivo direto com o pronome reto.

iii) Sintagma Nominal: é a referência a um termo ou termos anunciados anteriormente com os próprios termos ou muito semelhantes a estes, sendo normalmente uma repetição. Segundo alguns estudos sociolinguísticos essa estratégia é usada pelo falante para fugir da variante recomendada e também da variante criticada pelas gramáticas normativas. Portanto, pode-se inferir que as GNs aparentemente nada têm contra o uso do ‘sintagma nominal’.

iv) ‘Objeto Nulo’: ocorre quando existe um verbo transitivo direto que pede um complemento e esse verbo não é complementado por nenhuma palavra (ausência de complemento verbal). As pesquisas realizadas em várias regiões do Brasil atestam que o ‘objeto nulo’ está substituindo o ‘clítico acusativo’ que se encontra em processo de extinção em todo o território nacional.

2.1.3 Condicionadores linguísticos e extralinguísticos

Os condicionadores linguísticos e extralinguísticos, segundo Coelho *et al.* (2015), em caso de variação:

[...] são os fatores que regulam, que condicionam nossa escolha entre uma ou outra variante. É o controle rigoroso desses fatores que nos permite avaliar em que tipo de ambiente, tanto linguístico quanto extralinguístico, uma variante tem maior probabilidade de ser escolhida em detrimento de sua(s) rival (is). Os condicionadores ajudam o analista a delimitar quais são os contextos mais propícios para a ocorrência das variantes em estudo. Eles são divididos em dois grandes grupos, em função de serem mais ligados a aspectos *internos* da língua ou *externos* a ela. No primeiro caso, são também chamados de condicionadores *linguísticos* [...] No segundo caso, são também chamados de condicionadores *extralinguísticos* (Coelho et al, 2015, p. 20).

Para este trabalho, os condicionadores linguísticos controlados para análise do fenômeno em investigação foram: animacidade do referente e flexão verbal de número. Em se tratando dos condicionadores extralinguísticos, as dimensões controladas desta pesquisa foram sexo, faixa etária e escolaridade. A seguir, no Quadro 11, são apresentadas as variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas:

Quadro 11 Variáveis controladas

Grupo	Parâmetro	Codificação
1- Faixa Etária	18-35	A
	36-55	B
	+55	C
2 – Sexo	Homem	H
	Mulher	M
3 – Escolaridade	De 4 a 8 anos	F
	De 9 a 11 anos	T
4 - Animacidade do referente	[+animado]	V
	[-animado]	E
5 – Flexões verbais de número	Singular	S
	Plural	P

Em se tratando dos condicionadores extralinguísticos, vamos explicar um pouco sobre esses termos, começando pela variável “sexo” - o primeiro trabalho a fazer correlação entre a variação linguística e o fator sexo do falante foi o estudioso Fischer (1958) em sua pesquisa intitulada *Influências sociais na escolha de variantes linguísticas*. Segundo Molicca (2013, p. 34), Fischer averigua o seguinte: “que a forma de prestígio tende a predominar na fala feminina” em sociedades ocidentais. Isso significa que as mulheres optam em usar as formas mais prestigiadas socialmente do que os homens. Neste sentido, as pesquisas sociolinguísticas apontam que, entre uma variante padrão e não padrão, o sexo feminino opta justamente pela variante padrão tanto no nível fonológico quanto no morfossintático e semântico.

Em se tratando da variável “idade” do informante, de imediato, pode-se dizer que há diferenças linguísticas em relação à idade das pessoas, isto é, há diferença significativa na fala de uma pessoa mais velha comparando-a com a fala de uma pessoa mais jovem.

No que diz respeito à variável “escolaridade”, esse fator pode mudar a maneira de falar e escrever das pessoas. Assim, conforme as pesquisas, quanto maior o nível de escolaridade de uma pessoa mais ela utilizará a norma padrão. Vale dizer que a norma padrão nada mais é do que as formas socialmente prestigiadas pertencentes a um grupo de pessoas com *status* social prestigiado ou econômico elevado. Segundo Molicca (2013, p. 51), as maneiras de se expressar dessa classe se “transformam em modelos e pontos de referência do bem falar e escrever”. Esses modelos se transformam em língua padrão que deve ser seguido por todos os usuários da língua, e quem assim não proceder é considerado como alguém que fala errado. No que se refere ao uso do objeto direto anafórico, a escola prega justamente o uso da variante padrão (o clítico acusativo) nos seus materiais utilizados para ensinar a língua portuguesa.

Em relação à variável animacidade do referente, esse grupo de fator é composto dos fatores *traço semântico [+animado]*, referindo-se a um ser mencionado anteriormente que tenha vida e o *traço semântico [-animado]*, que se refere ao ser que não tem vida. Esse traço pode ser determinante para a escolha de uma das variantes em questão aqui, pois, dependendo do grau de animacidade do referente uma variante vai ser favorecida ou desfavorecida. Várias pesquisas revelam que, na animacidade do referente de qualquer fenômeno em análise, o traço mais animado vai ter um peso relativo em oposição com o traço menos animado. Sobre a animacidade das variantes do objeto direto anafórico, os estudos comprovam que, quando o antecedente tende a ser [+animado], a presença do pronome lexical se torna mais elevada. Quando o antecedente tende a ser [-animado], há mais emprego de objeto nulo. Corroborando o que foi dito, Coelho (2015, p. 35) menciona que:

A animacidade corresponde a uma propriedade atribuída a um referente, que pode apresentar o traço [+animado] ou [-animado]. Por [+animado] entendem-se humanos, animais e objetos personificados, e por [-animado] entendem-se os referentes que não se enquadram em nenhuma dessas três categorias.

A variável flexão verbal de número se refere quando o verbo indica singular ou plural em sua forma. Nesta variável, são observadas formas verbais (singular ou plural) que estão influenciando as variantes do fenômeno em análise. Portanto, espera-se, com esses grupos de fatores selecionados, ter mostrado que a variação do objeto direto anafórico é ordenada.

2.2 Diário de campo

A pesquisa foi realizada no município de Tefé, estado do Amazonas, no primeiro semestre de 2019. Desse modo, as entrevistas foram feitas em diversos lugares da cidade, tais como praça, rua, casa, escola e salão. Por se tratar desses ambientes, nas gravações são visíveis ruídos tais como barulho de moto, carro, conversas dentre outros. Porém essas interferências de modo algum atrapalharam a transcrição do áudio. O corpus da análise consiste em gravação em áudio. O questionário usado nas entrevistas seguiu quase a mesma estrutura de Martins (2013), de modo que foram acrescentadas outras perguntas, pelas quais se acreditava encontrar o fenômeno do objeto direto anafórico.

No primeiro momento, foi traçado o perfil dos informantes, conforme consta no Quadro 4. Em seguida, partiu-se para coleta dos dados, é importante mencionar que

antes da entrevista foi entregue aos informantes um documento (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE), que depois de lido, foi assinado por todos os participantes da pesquisa. Além desse documento, o entrevistado usou no início da gravação a seguinte expressão, por exemplo, *eu, Maria, autorizo essa gravação*.

Já de início, não foi fácil realizar as entrevistas, pois no momento da seleção alguns candidatos desistiram da entrevista, enquanto outros indagavam se a entrevista tinha haver com a política no município.

No momento da gravação, procurou-se conduzir a entrevista o mais natural possível a fim de evitar o paradoxo do observador. O fato de a pesquisadora morar na cidade de Tefé facilitou a realização das entrevistas, pois alguns informantes já eram conhecidos.

Uma das dificuldades encontradas foi fazer com que as entrevistas durassem em torno de trinta minutos ou uma hora, sendo que cada participante agiu de modo diferente na aplicação, ou seja, enquanto um era mais detalhista dos fatos, outros contavam os acontecimentos resumidamente. Dessa forma, as perguntas constantes do questionário não seguiram o mesmo roteiro para todos os entrevistados, tendo em vista que algumas perguntas não se encaixavam no perfil dos informantes. Assim, adaptou-se a aplicação do questionário a cada participante.

Outra dificuldade foi fazer com que somente o informante falasse no momento da entrevista. Em alguns casos acontecia de encontrar algum outro conhecido que opinava nas perguntas feitas, assim a entrevistadora pausou a entrevista diversas vezes assim que um membro se manifestava. Em outros casos a entrevistadora não conseguiu conter a participação dessas pessoas, de modo que é audível a fala na gravação.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados da análise linguística da variável do *objeto direto anafórico na fala dos moradores do município de Tefé-AM*. É importante mencionar que os dados foram codificados e submetidos ao pacote estatístico do Programa *Goldvarb*¹¹.

3.1 A Variação do Objeto Direto Anafórico na fala dos moradores do município de Tefé

Nesta seção, são apresentados os percentuais das variantes do objeto direto anafórico na fala tefeense. Em seguida, é feita uma comparação com os resultados das pesquisas de Duarte (1986) e Matos (2005), observando as semelhanças e as diferenças entre as três investigações.

Visualizando os resultados na Tabela 2, em ordem decrescente, pode-se afirmar que a referência do objeto direto anafórico é feita preferencialmente com o ‘objeto nulo’; em segundo lugar, com o ‘pronome lexical’; e em terceiro lugar, com o ‘sintagma nominal’. Partindo destas constatações, é possível perceber que o ‘objeto nulo’ é bastante produtivo na fala dos tefeenses e é o fenômeno do português brasileiro ainda pouco investigado; enquanto o ‘clítico acusativo’ está em desuso, apesar de a gramática normativa afirmar como sendo a única forma de uso na língua. A Tabela 2 também nos mostra o cálculo geral das ocorrências de objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala da comunidade tefeense.

Tabela 2 Variação do objeto direto anafórico na fala tefeense

Variantes	Ocorrências	%
clítico acusativo	0	0%
pronome lexical	140	17,3%
objeto nulo	635	78,3%
sintagma nominal	36	4,4%
Total	811	100%

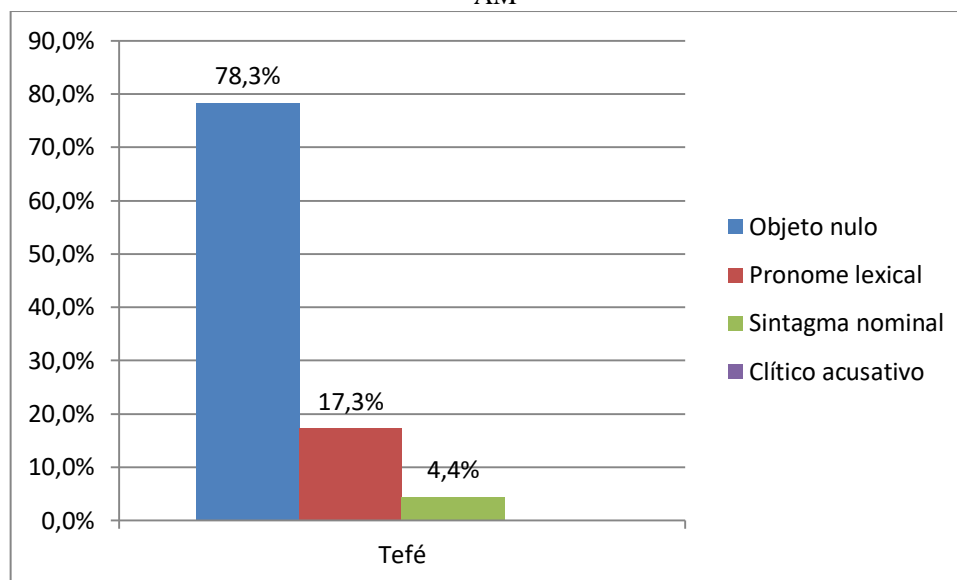
Conforme observado na Tabela 2, no total foram alcançadas 811 ocorrências, sendo que 635 exibem o complemento do objeto direto anafórico com a variante ‘objeto nulo’, correspondendo 78,3% da amostra. Já a forma ‘pronome lexical’ alcançou 17,3%, enquanto o ‘sintagma nominal’ representa apenas 4,4% do total da amostra. Uma outra informação relevante foi o não uso do ‘clítico acusativo’. Nas doze entrevistas

¹¹ “É um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY & ZILLES, 2001).

analisadas não se encontrou o uso dessa variante, embora seja a forma considerada padrão e conservadora.

Os dados do Gráfico 01 mostram a distribuição das variantes do objeto direto anafórico.

Gráfico 01 - Distribuição da variável *objeto direto anafórico* na fala dos moradores do município de Tefé - AM



Percebe-se, nitidamente, a grande diferença de uso entre o ‘clítico acusativo’ e o ‘objeto nulo’. Enquanto um tende ao desaparecimento no uso do português do Brasil; o outro apresenta uma frequência significativa. Esse resultados se assemelham a outros trabalhos realizados nas outras regiões do Brasil. Assim, em Tefé, parece estar concluindo um processo de mudança em relação às estratégias de referência anafórica do objeto direto. Vide exemplos das variantes do objeto direto anafórico:

‘pronome Lexical’

(1) (AHF) *tava [+amigo] esperando ele chegar lá dentro do presídio.*

‘objeto Nulo’

(2) (AHT) *Na barriga da mamãe eu já estava [-bola] chutando s.*

‘sintagma nominal’

(3) (CMF) *Eu ajudei muito minha mãe. Eu era o braço direito da minha mãe. Deixei de estudar pra ajudar a minha mãe, porque ela trabalhava sozinha na roça aí eu tinha pena. Acompanhava a minha mãe, aí eu passei a estudar às vezes de noite.*

É importante mencionar que os dados estão em conformidade, apenas em parte, com as pesquisas de Duarte (1986) e Matos (2005), conforme mostra a Tabela 3:

Tabela 3 Realização do objeto direto anafórico nas pesquisas de Duarte (1986) e Matos (2005)

Pesquisas	clítico acusativo	pronome lexical	objeto nulo	sintagma nominal
Duarte (1986)	4,9%	15,4%	62,6%	17,1%
Matos (2005)	-	9,4%	68,3%	22,3%
Praia (2020)	-	17,3%	78,3%	4,4%

Comparando os resultados das pesquisas de Duarte (1986) e Matos (2005) com os nossos dados, observa-se que no trabalho de Matos (2005), em relação ao não uso da variante ‘clítico acusativo’ foi idêntico ao resultado mostrado da fala tefeense, ou seja, não houve ocorrência dessa forma nas duas investigações. Em se tratando da variante ‘objeto nulo’, pode-se comprovar um alto índice tanto nos resultados da presente amostra Praia (2020) 78,3% quanto nas duas pesquisas supracitadas (Duarte (1986) 62,6% e Matos (2005) 68,3%).

Em relação ao uso das variantes ‘pronome lexical e ‘sintagma nominal’, os resultados dos trabalhos de Duarte e Matos foram diferentes dos apresentados na fala tefeense, sendo que a forma inovadora (‘sintagma nominal’) sobressaiu a variante estigmatizada (‘pronome lexical’). Ou seja, nas pesquisas de Duarte e Matos o ‘sintagma nominal’ apresentou ocorrências percentuais em 17,1%, 22,3% e 4,4%, muito superiores à ocorrência dele na fala tefeense. Já o ‘pronome lexical’ alcançou um menor percentual em Matos e Duarte, apresentando percentuais, respectivamente, em 15,4% e 9,4%; enquanto nesta pesquisa, essa variante ocorreu 17,3% do total. Acredita-se que houve essa diferença devido ao presente trabalho ter analisado somente o sintagma nominal pleno, deixando o sintagma nominal modificado fora da análise.

Após a análise dos dados, retomou-se a principal hipótese desta pesquisa: as variantes ‘clítico acusativo’, ‘pronome lexical’, ‘objeto nulo’ e ‘sintagma nominal’ ocorrem na fala dos tefeenses. Essa hipótese se confirmou em parte tendo em vista que das doze pessoas entrevistadas, nenhuma delas fez uso da variante ‘clítico acusativo’. Dessa maneira, a expressão do objeto direto anafórico ficou somente entre três variantes (‘pronome lexical’, ‘objeto nulo’ e ‘sintagma nominal’).

3.1.1 Os condicionadores extralinguísticos

As variáveis independentes do objeto direto anafórico apontaram uma forte tendência ao uso do ‘objeto nulo’ em todos os contextos analisados. Enquanto as outras

duas formas ‘pronome lexical’ e ‘sintagma nominal’ estabeleceram uma distância significativa entre o ‘objeto nulo’, conforme veremos nas variáveis extralinguísticas (faixa etária, sexo e escolaridade), apresentadas a seguir.

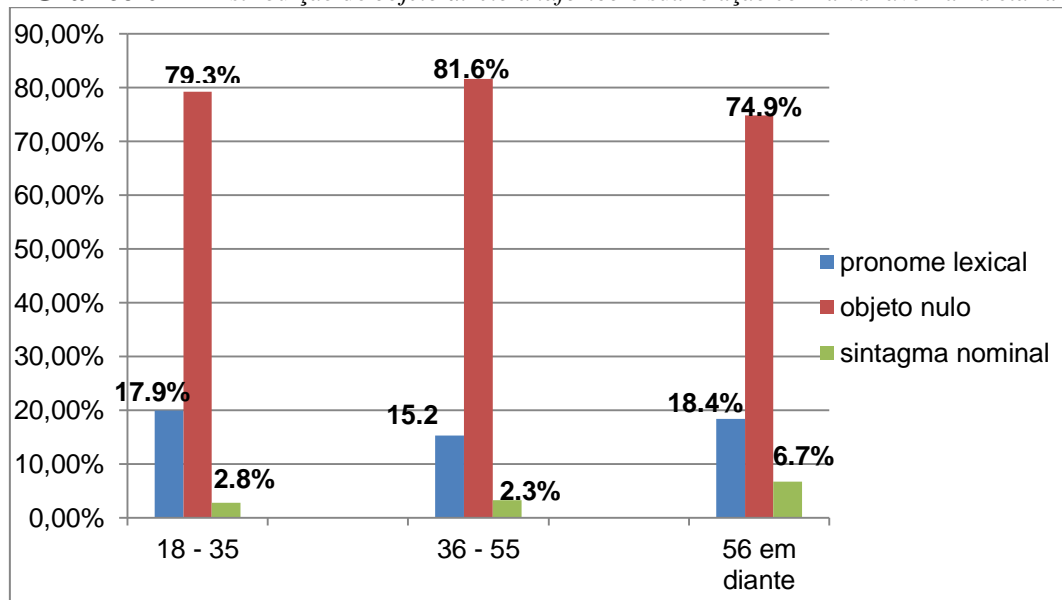
3.1.1.1 O objeto direto anafórico conforme a faixa etária do informante

No que diz respeito ao uso da expressão do objeto direto anafórico de 3ª pessoa na variável faixa etária, a tendência é o uso da variante conservadora pelo falante de idade mais avançada; enquanto na fala dos mais jovens predomina a variante inovadora (DUARTE, 198; OMENA, 1978; SILVA, 2004). Na Tabela 4 e no Gráfico 2, são apresentados os resultados.

Tabela 4 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável faixa etária

Fatores	pronome lexical		objeto nulo		sintagma nominal		Total
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	
18-35	44	17,9%	195	79,3%	7	2,8%	246
36-55	38	15,2%	204	81,6 %	8	3,2%	250
56 em diante	58	18,4%	236	74,9 %	21	6,7%	315
Total	140		635		36		811

Gráfico 02 - Distribuição do *objeto direto anafórico* e sua relação com a variável faixa etária



Neste grupo, os informantes foram divididos em três faixas etária i (18 -35), ii (36 - 55) e iii (56 em diante). Assim sendo, na fala dos informantes da primeira faixa etária, os percentuais de ocorrência foram de 79,3% para ‘objeto nulo’, 17,9% para

‘pronome lexical’ e 2,8% para ‘sintagma nominal. Na segunda faixa etária, os percentuais foram de: 81,6% para ‘objeto nulo’; 15,2% para ‘pronome lexical’ e 2,3% para ‘sintagma nominal. Na terceira faixa etária, os informantes fizeram uso do ‘objeto nulo’ 74,9%, do ‘pronome lexical 18,4% e do ‘sintagma nominal 6,7%.

Pelos dados da Tabela 4 e do Gráfico 02, nota-se que em todas as faixas etárias o ‘objeto nulo’ possui um percentual elevado em comparação com o percentual de outras variantes. Dessa forma, conclui-se que a variável idade é a que mais influencia a ocorrência do ‘objeto nulo’ na fala tefeense. Observa-se um percentual elevado de ocorrências, na Tabela 4, a segunda faixa etária, apresentando 204 inquiridos, correspondendo a 81,6% das ocorrências. Por outro lado, a variante de menor uso (‘sintagma nominal’) se encontra na primeira faixa etária com apenas 2,8% das ocorrências. Enfim, é notório que tanto os informantes mais jovens, em relação aos de meia idade, quanto os mais idosos, no momento de completar o sentido do verbo, recorrem a variante ‘objeto nulo’.

Portanto, não ocorreu o uso do ‘clítico acusativo’ na fala dos mais velhos, pois nesta pesquisa houve um apagamento dessa forma, em relação a uma maior frequência das variantes inovadoras (‘objeto nulo’ e ‘sintagma nominal’). Na fala dos informantes mais jovens, também não ocorreu, sendo que as variantes inovadoras estão com percentual maior de ocorrência na idade intermediária (‘objeto nulo’ com 81,6%) e na idade mais avançada (‘sintagma nominal 6,7%).

Abaixo, são elencados exemplos de objeto direto anafórico conforme a faixa etária do informante:

‘pronome lexical’

- (4) (AHF) *os índios [+índia] mataram ela e ela se transformou numa castanheira.*
 (5) (BMF) *[+marido] Dexei ele minha filha caçula tava com vinte dois dia de nacida.*
 (6) (CHT) *eu [+filho] mandei ele pra Manaus com a mãe dele pra fazer uns exame.*

‘objeto nulo’

- (7) (AMF) *Não [-roupa] comprei porque gastei o dinheiro.*
 (8) (BHF) *Mas [-cidade] mudou da época que eu morei aqui [-cidade] mudou demais.*

(9) (CHF) *A minha irmã disse Tereza tu tem é fígado branco, né? porque tu já matou dois. Corta eu num [+marido] mateis não.*

‘sintagma nominal’

(10) (AHT) *Chamei a viatura e levei a viatura até no local.*

(11) (BMF) *Agora faça a casa aí eu fiz, aí í eu fiz a casa.*

(12) (CHF) *a gente vai roçar a mata, né, aí depois vem derrubar a mata ainda.*

3.1.1.2 O objeto direto anafórico conforme o sexo do informante

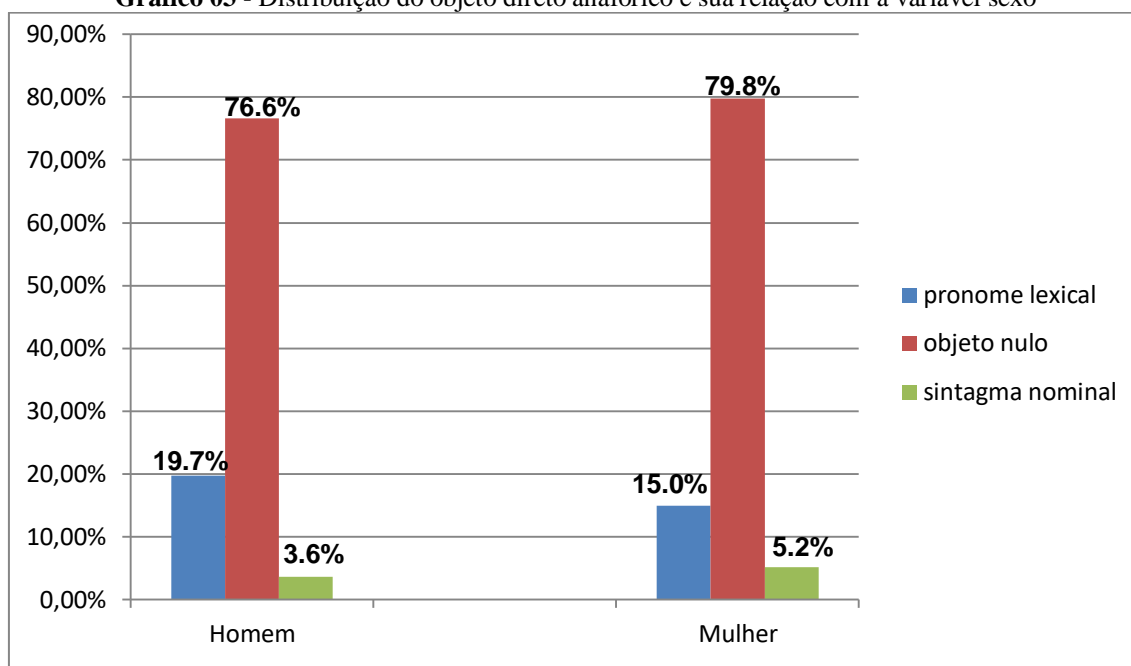
A análise dessa variável permite mostrar como se comporta o repertório linguístico de homens e de mulheres em relação ao uso do objeto direto anafórico. Coelho *et al.* (2015, p. 44) afirmam que:

Quanto à variação social relacionada ao sexo/gênero os informantes, alguns estudos mostram que as mulheres são mais conservadoras do que os homens: em geral, elas preferem usar as variantes valorizadas socialmente. É como se as mulheres fossem mais receptivas à atuação normatizadora da escola. Esses resultados, no entanto, requerem cautelas, afinal, os papéis feminino e masculino, nas diversas sociedades, estão, a todo momento, sofrendo transformações.

De acordo com a citação acima, as mulheres podem usar com maior frequência a variante considerada padrão (‘clítico acusativo’); enquanto os homens podem usar a variante estigmatizada (‘pronome lexical). Nesta pesquisa, na Tabela 5, observou-se o comportamento de todas as variantes na fala dos homens e das mulheres.

Tabela 5 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável sexo

Fatores	pronome lexical		objeto nulo		sintagma nominal		Total
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	
Homem	76	19,7%	295	76,6%	14	3,6%	385
Mulher	64	15,0%	340	79,8%	22	5,2%	426
Total	140		635		36		811

Gráfico 03 - Distribuição do objeto direto anafórico e sua relação com a variável sexo

Considerando a variável sexo, na fala das mulheres, o percentual de ocorrência da variante ‘objeto nulo’ ficou em 79,8%, do ‘pronome lexical’ em 15,0% e ‘do sintagma nominal em 5,2%. No repertório linguístico dos homens, o percentual de ocorrência foi de 76,6% para ‘objeto nulo, 19,7% para ‘pronome lexical’ e 3,6% para ‘sintagma nominal. Observando os percentuais das variantes, nota-se que a distância entre uma forma e outra não é significativa, pois os percentuais das formas não ultrapassaram a mesma casa decimal.

Desse modo, observando os dados da Tabela 5 e do Gráfico 3, homens e mulheres optam, pelas variantes que não possuem estigmas sociais (‘objeto nulo’ e ‘sintagma nominal’), como uma tentativa de desviar-se do uso do ‘pronome lexical’.

Os estudos de Fischer (1958), Silva e Paiva (1996) destacam que há interferência do fator sexo na fala, indicando que os falantes do sexo feminino mostram maior favorecimento à norma culta da língua. A pesquisa de Neiva (2006, p. 86) afirma que:

[...] as mulheres são mais sensíveis a uma norma mais prestigiada, talvez por uma questão de exigência da sociedade para que a mulher esteja inserida num contexto que, de modo geral, até pouco tempo, era dominado pelo homem.

Nesta pesquisa, não houve diferenças significativas para diferenciar a fala das mulheres em relação à fala dos homens. Portanto, o fator sexo não foi determinante. A seguir é abordado o objeto direto anafórico conforme o sexo do falante:

‘pronome lexical’

(13) (BHF) eu [+mulher] espancar ela assim nunca, graça a Deus.

(14) (AMT) a menina [+amiga] ensinou ela a fazer salgados.

‘objeto nulo’

(15) (BHT) Depois vai [maniva] plantar ☺, depois vai [roça] capinar ☺

(16) (AMF) a minha mãe não [-casamento] aceitou☺ e eu também num [+namorado] quis☺

‘sintagma nominal’

(17) (AHF) Nós vendia merenda, ela vendia merenda com nós

(18) (CMF) ele esticou a malhadeira, ele tirou a malhadeira e ele já vinha pra terra.

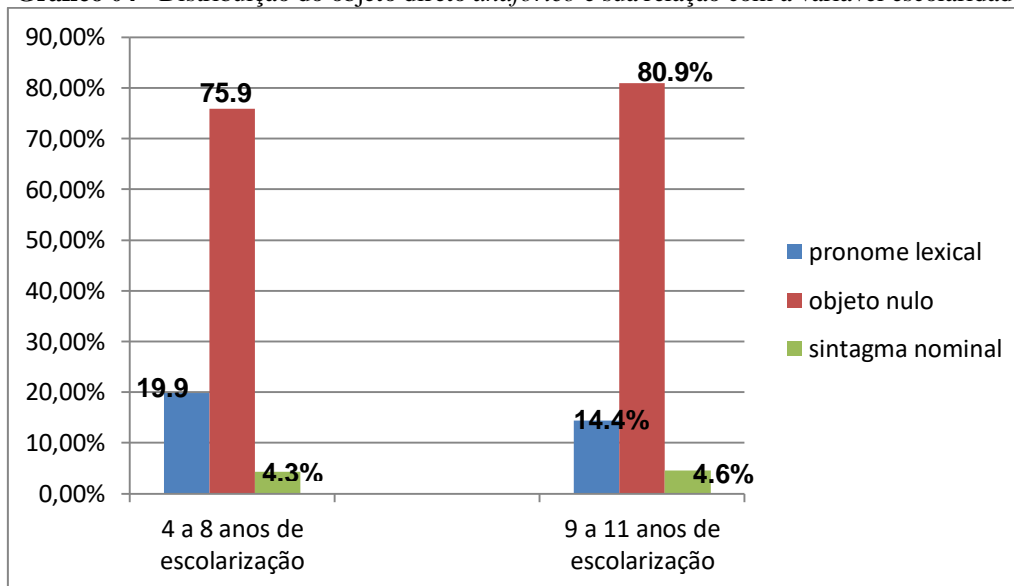
3.1.1.3 O objeto direto anafórico conforme escolaridade

Segundo Correa (2014, p. 79), “quanto menor o tempo de escolarização do informante, maior o favorecimento da expressão do pronome tônico, e, quanto maior o tempo de escolarização, menor a realização do pronome tônico”. Dessa forma, parte-se do pressuposto de que quanto maior for o nível de escolaridade do informante, maior será o uso do ‘clítico acusativo’; e quanto menor for a escolaridade, maior será a frequência da variante estigmatizada ‘pronome lexical’.

Neste fator, foram selecionados seis informantes, de 4 a 8 anos de escolarização e seis informantes, de 9 a 11 anos de escolarização. Os resultados segundo o parâmetro grau de escolaridade do falante podem ser visualizados na Tabela 6 e no Gráfico 04:

Tabela 6 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável escolaridade

Fatores	pronome lexical		objeto nulo		sintagma nominal		Total
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	
4 a 8 anos de escolarização	84	19,9%	321	75,9%	18	4,3%	423
9 a 11 anos de escolarização	56	14,4%	314	80,9%	18	4,6%	388
Total	140		635		36		811

Gráfico 04 - Distribuição do objeto direto *anafórico* e sua relação com a variável escolaridade

Os informantes de 4 a 8 anos de escolarização produziram 75,9% de ‘objeto nulo’, 19,9% de ‘pronome lexical’ e 4,3% de ‘sintagma nominal’. Já os falantes de 9 a 11 anos de escolarização obtiveram 80,9% de ‘objeto nulo’, 14,4% de ‘pronome lexical’ e 4,6 de ‘sintagma nominal’.

Os resultados da Tabela 6 e do Gráfico 4 apontam que, apesar de não ter ocorrido o uso da variante considerada padrão (‘clítico acusativo’), os informantes com mais escolaridade rejeitaram o uso da variante não padrão e estigmatizada (‘pronome lexical’), optando, portanto, pela variante inovadora (‘objeto nulo’).

Esses resultados estão em conformidade com as ideias de Silva e Paiva (1996) que afirmam que os falantes com mais escolaridade estão mais propício a usar as variantes inovadoras, de modo que abandonam a forma que se opõem ao padrão. Outra pesquisadora que trata dessa questão é Neiva (2007), corroborando que “os falantes cultos desviam-se da opção entre o clítico e pronome lexical, adotando a categoria vazia e os SNs anafóricos como estratégias de esquiva.” (NEIVA, 2007, p. 74). Ainda sobre essa variável independente, Coelho *et al.* (2015, p. 44) afirmam que:

Por terem um contato maior com a cultura letrada e com o uso das variedades cultas da língua, supõe-se que, em geral, falantes altamente escolarizados dificilmente produzirão formas como “nós vai” ou “a gente vamos”, que são típicas de falantes pouco ou não escolarizados. É mais provável que eles falem “nós vamos” e “a gente vai”.

Portanto, houve o desfavorecimento do ‘clítico acusativo’ em todos os níveis de escolaridade. Vide exemplos da variável do objeto direto anafórico por escolaridade do informante:

- 4 a 8 anos de escolarização

‘pronome lexical’

(19) (BMF) *Faz vinte dois anos que eu não [+marido] vejo ele.*

‘objeto nulo’

(20) (CHF) *O peixe eu trato ele, [+peixe] corto ∞, [+peixe] boto ∞ na panela, boto um temperozinho.*

‘sintagma nominal’

(21) (AHF) *Ajeitaram o posto ali que não tinha posto aqui por perto.*

- 9 a 11 anos de escolarização

‘pronome lexical’

(22) (AHT) *Quando eu estudava eu já [+namorada] conhecia ela de vista*

‘objeto nulo’

(23) (BHT) *Ela até [-cerveja] toma ∞ com a gente junto com o marido dela*

‘sintagma nominal’

(24) (CMT) *eu fui levei meus filho tudinho, né, eles queria que eu levasse meus filho*

3.1.2 Os condicionadores linguísticos

As variáveis independentes do objeto direto anafórico apontaram uma forte tendência ao uso do ‘objeto nulo’ em todos os contextos analisados. Enquanto a variante ‘sintagma nominal’ manteve um certo equilíbrio; já o ‘pronome lexical’, em alguns subfatores, o uso se aproximou da variante ‘objeto nulo’, conforme análise das variáveis linguísticas (animacidade do referente e flexão verbal de número), apresentadas a seguir.

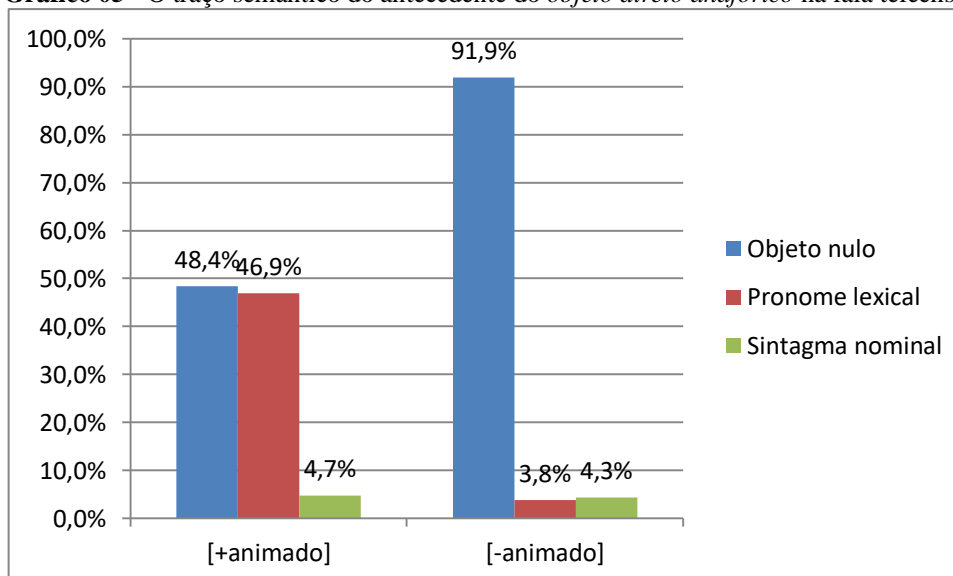
3.1.2.1 O objeto direto anafórico conforme animacidade do referente

A Tabela 7 mostra a frequência de uso das variantes do objeto direto anafórico em relação à animacidade do referente. Pode-se observar que existe uma diferença de percentuais muito grande entre os dois traços ([+animado] e [-animado]). Isso indica que essa variável foi muito importante para a escolha das variantes. Na Tabela 7 e no Gráfico 5, são apresentados os resultados:

Tabela 7 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável animacidade do referente

Fatores	pronomes lexical		objeto nulo		sintagma nominal		Total
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	
[+animado]	119	46,9%	123	48,4%	12	4,7%	254
[-animado]	21	3,8%	512	91,9%	24	4,3%	557
Total	140		635		36		811

Gráfico 05 - O traço semântico do antecedente do *objeto direto anafórico* na fala tefeense



Considerando o fenômeno variável pela animacidade do referente, o percentual de ocorrência para o fator [+animado] foi de 48,4% para o ‘objeto nulo’, 46,9% para o ‘pronome lexical’, e 4,7% para o ‘sintagma nominal’. Para o fator [-animado], o percentual foi de 91,9% para o ‘objeto nulo’, 3,8% para o ‘pronome lexical’, e 4,3% para ‘sintagma nominal’.

Observando os dados da Tabela 7 e do Gráfico 5, nota-se que existe uma margem percentual significativa entre as variantes (‘pronome lexical’ e ‘objeto nulo’) tanto no fator [+animado] quanto no fator [-animado]. Assim, partindo destas constatações, é possível perceber nas pesquisas de Mollica (2010), Tarallo (2007),

Omena (1978) que quando o antecedente tende a ser [+animado], maior é a ocorrência do ‘pronome lexical’, e quando o antecedente tende a ser [-animado], maior é a realização de ‘objeto nulo’. Dessa forma, as variantes ‘clítico acusativo’ e ‘pronome lexical’ serão favorecidas no contexto [+animado], enquanto as variantes ‘objeto nulo’ e ‘sintagma nominal’ ocorrerão no contexto [-animado].

Na pesquisa de Duarte (1986), os resultados foram os seguintes: o traço [+animado] favoreceu a realização das variantes ‘clítico acusativo’ com (78,4%) das ocorrências e do ‘pronome lexical’ (92,4%). Já o traço [-animado] privilegiou o uso do ‘objeto nulo’ com (76,3%) das ocorrências e o ‘sintagma nominal’ com (70,7%).

Em se tratando dos resultados desta pesquisa, foi descartado o uso do ‘clítico acusativo’, pois, como já foi mencionado anteriormente, não houve ocorrência. A variante ‘sintagma nominal’ não se mostrou relevante nem no traço [+animado] e nem no traço [-animado], pois os percentuais se aproximaram bastante (4,7% versus 4,3%). Assim, os resultados desta pesquisa foram ao encontro da pesquisa de Duarte apenas nos percentuais das variantes ‘pronome lexical’ e ‘objeto nulo’, (46,9% contra 91,9%). Sendo que a primeira foi favorecida pelo fator [+animado], e a segunda pelo fator [-animado]. Abaixo, estão os exemplos da variável objeto direto anafórico conforme animacidade do referente:

- Traço [+animado]

‘pronome lexical’

(25) *Eu [+namorada] conheci ela na verdade acho que foi numa festa.*

‘objeto nulo’

(26) *(CMF) Meu pai morreu eu nem [+pai] conheci*

‘sintagma nominal’

24) *(CHT) agora fevereiro vai fazer dezoito anos que eu perdir meu filho. Perdir meu filho do uma forma assim que ele era o meu caçula.*

- Traço [-animado]

‘pronome lexical’

25) *(AHT) depende de como você vai [-carne] comer ela.*

‘objeto nulo’

26) *(BHF) Mas [-cidade] mudou da época que eu morei aqui [-cidade] mudou demais.*

‘sintagma nominal’

27) (AHT) indiquei a moto, ai o policial pegaram a moto.

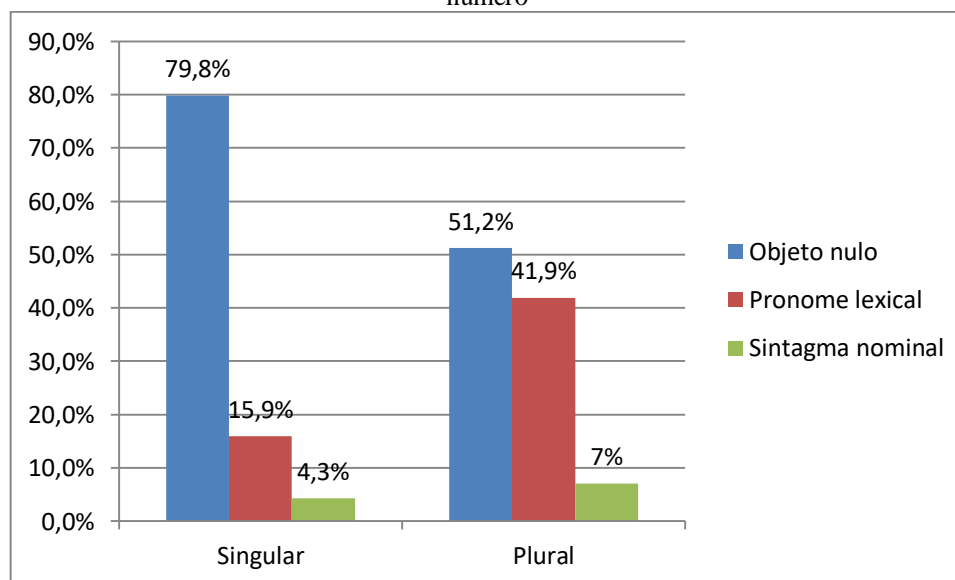
3.1.2.2 O objeto direto anafórico conforme a variável flexão verbal de número

A Tabela 8 mostra a flexão verbal de número (singular ou plural) que está influenciando a escolha da variável do objeto direto. É importante mencionar que esse grupo de variáveis foi selecionado por se acreditar que seria um fator decisivo para escolha das variantes em estudo. Além disso, é a primeira vez que se relaciona esse grupo no fenômeno variável do objeto direto anafórico. Os dados da Tabela 8 e do Gráfico 06 mostram os percentuais de ocorrência das variantes em relação a esse grupo de fator:

Tabela 8 O objeto direto anafórico e sua relação com a variável flexão verbal de número

Fatores	pronome lexical		objeto nulo		sintagma nominal		Total
	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	Nº de dados	Percentual	
Singular	122	15,9%	613	79,8%	33	4,3%	768
Plural	18	41,9%	22	51,2%	3	7,0%	43
Total	140		635		36		811

Gráfico 06: Distribuição do *objeto direto anafórico* e sua relação com a variável Flexões Verbais de número



Neste grupo, para o verbo no singular, o percentual de ocorrência foi de 79,8% para o ‘objeto nulo’, 15,9% para o ‘pronome lexical’, 4,3% para o ‘sintagma nominal’.

Para os verbos no plural, os dados percentuais foram de 51,2% para o ‘objeto nulo’, 41,9% para o ‘pronome lexical’, 7,0% para o ‘sintagma nominal’.

Os dados da Tabela 8 e do Gráfico 06 mostram que esse grupo foi de fato importante para a escolha da variante, pois os resultados apontam para a existência de diferença significativa em relação ao uso das formas em variação. Assim, percebe-se a elevação da variante ‘pronome lexical’, quando o verbo está no plural, alcançando 41,9% dos dados contra 15,9%, quando o verbo está no singular.

Já o ‘objeto nulo’ obteve um maior percentual na forma singular do verbo com (79,8%) versus (51,2%) no plural. Em se tratando do uso da variante ‘sintagma nominal’, o percentual de ocorrência foi de 7,0% com verbo no plural e 4,3% com o verbo no singular. Apesar de essa variante alcançar um menor percentual em quase todos os grupos de fatores, aqui nesse grupo o seu uso foi mais expressivo. Vide os seguintes exemplos:

- flexão verbal de número (singular)

‘pronome lexical’

28) (CMF) *Quando chegou aqui esse outro era tudo pequeno. Ele que [+filhos] criou eles.*

‘objeto nulo’

29) (CHT) *Quando eu tô em casa eu [-comida] faco ☹, quando não a minha mulher [-comida] faz ☹.*

‘sintagma nominal’

30) (CMT) *Aí só fez pegar aqui na minha barriga e me ensinou um remédio. Por isso que eu nunca esqueço e nunca vou esquecer desse remédio. Aí ele mandou eu tomar esse remédio que eu ia ficar boazinha,*

- flexão verbal de Número (plural)

‘pronome lexical’

31) (AHF) *[+amigo] furaram ele com faca, quase [+amigo] matavam ele, só não [+amigo] mataram ele por causa da mãe dele mesmo.*

‘objeto nulo’

32) (CMT) *Eu já vi [-pessoas] cortarem☹, eu já vi matar pessoa assim pertinho de mim. Eu ficar ensanguentada.*

‘sintagma nominal’

33) (CHT) Nós temos casa aqui na cidade, nós temos casa lá na estrada lá no Maranata, temos três casas.

3.1.3 Frequência de probabilidade da variante segundo a variável ‘objeto nulo’ segundo a animacidade do referente

Nesta seção, é apresentado o peso relativo da variante ‘objeto nulo’, segundo os grupos de fatores idade e animacidade do referente.

Devido às limitações do programa *Goldvarb* em somente fazer rodadas binárias para retirar os pesos relativos, optou-se em fazer a rodada das variantes ‘pronomes lexical’ e ‘objeto nulo’. A escolha dessas duas variantes se justifica porque o ‘objeto nulo’ é a forma inovadora e a mais produtiva na fala tefeense, enquanto a variante ‘pronomes lexical’ é a forma estigmatizada e é a segunda forma mais produtiva em termos de ocorrências percentuais. Sendo assim, o ‘objeto nulo’ será a regra de aplicação, pois se pretende mostrar quais os grupos de fatores que influenciam essa variante na fala tefeense.

Dos cinco grupos controlados (faixa-etária, sexo, escolaridade, animacidade do referente e flexão verbal de número), o programa selecionou como significativos os grupos de fatores idade e animacidade do referente para aplicação da regra do objeto direto anafórico na fala da comunidade em estudo.

Na Tabela 9, o *input* final foi de (0,90) e o de significância foi de (0,02). Assim, conforme Oliveira (2014, p.35), “O nível de significância é o nível de confiabilidade dos resultados. Para as ciências humanas, o nível máximo aceitável é de 0.050”. Assim sendo, os nossos resultados estão no nível de aceitabilidade das ciências humanas, sendo portando, confiáveis. Na Tabela 9, é mostrada a frequência de probabilidade da variante objeto nulo por faixa etária.

Tabela 9 Frequência de probabilidade da variante objeto nulo, segundo a variável idade

Fatores	Aplicação/total	%	P.R
18-35	195/239	81,6%	0,57
36-55	204/242	84,3%	0,54
56 em diante	236/294	80,3%	0,40

Significância: 0,02

Input: 0,90

Acreditava-se que a variante ‘objeto nulo’, em relação ao grupo de fator idade, alcançaria um maior peso relativo entre os falantes mais jovens, já que essa variante é

inovadora. Dessa forma, observando a Tabela 9, nota-se que essa nossa hipótese foi confirmada já que a primeira faixa-etária obteve um peso relativo de (0,57). Por outro lado, é visível perceber que conforme a idade vai avançando, há um decréscimo no peso relativo da variante ‘objeto nulo’. Assim, têm-se na idade intermediária (0,54) e na idade dos falantes mais idosos (0,57). Vide os exemplos abaixo:

- Objeto nulo na primeira faixa-etária (18-35)

(34)(AMF) *Graça a Deus nunca [-alimentos] faltou ∞.*

-Objeto nulo na segunda faixa-etária (36-55)

(35) (BMF) *Criei todos os quatro com dificuldade, mas [+filho] criei ∞.*

-Objeto nulo na terceira faixa-etária (56 em diante)

(36) (CHF) *Primeiro você vai [-seringueira] lcortando ∞ e embutindo a tijelinha na seringueira*

No grupo de fator animacidade do referente, era esperado que a variante ‘objeto nulo’ alcançaria um maior peso relativo no fator [-animado], já que nos percentuais esse contexto influencia essa variante.

Tabela 10 Frequência de probabilidade da variante objeto nulo, segundo a variável animacidade do referente

Fatores	Aplicação/total	%	P.R
[+animado]	123/242	50,8%	0,09
[-animado]	512/533	96,1%	0,73

Significância: 0,02

Input: 0,90

Analisando a Tabela 10, verifica-se que a hipótese se confirmou, pois, assim como nos percentuais, o fator [-animado] favorece ‘objeto nulo’ com (96,1%) dos casos. O mesmo aconteceu com o resultado do peso relativo nesse contexto, no qual alcançou (0,73) com o fator [-animado] contra (0,09) com fator [+animado].

Os resultados apresentados na Tabela 11 estão em conformidade com os resultados da pesquisa de Silva (2004).

Tabela 11 Frequência de probabilidade da variante objeto nulo, segundo a variável animacidade do referente

Animacidade do referente	Objeto nulo		
	Ocorrências	%	Peso Relativo
[+animado]	341/521	65	.20
[-animado]	920/953	96	.68
Total	1261/1474	86	--

Fonte: Silva (2004, p.116) adaptado

A seguir, são mostrados os exemplos do fenômeno variável em estudo

Objeto nulo com o fator [+animado].

(37) (BMF) *Ele nunca [+filhos] ajudou e nunca fiz questão.*

Objeto nulo com o fator [-animado]

(38) (CHT) *Tomo minha cerveja e vamos dançar aí a gente [-dançar] começa aí quando a gente [-dançar] começa o povo vamos pegar o embalo dele.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou as variantes do objeto direto anafórico na fala dos moradores do município de Tefé-AM. Como afirmado anteriormente, a perspectiva teórica adotada foi a Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Os resultados mostram que esse fenômeno variável sofre influência de fatores internos ou externos à língua. Na sequência, são retomados os objetivos desta pesquisa para verificar se foram atingidos. São eles:

Descrever as variantes do objeto direto anafórico na fala tefeense;

Identificar os grupos de fatores linguísticos ou extralinguísticos que influenciam as ocorrências das variantes do objeto direto anafórico na fala tefeense;

Caracterizar o falar tefeense pela apropriação mais expressiva de uma das variantes do objeto direto anafórico.

O primeiro objetivo que era descrever as variantes do objeto anafórico foi atingido, pois a variável em estudo se realizou como *objeto nulo*, *pronome lexical* e *sintagma nominal*.

Quanto ao segundo, também foi atingido, porque os fatores intralinguísticos (animacidade do referente e flexão verbal) e os extralinguísticos (faixa etária, sexo e grau de escolaridade) influenciaram as ocorrências da variável.

Por último, a fala tefeense é caracterizada pelo uso expressivo da variante *objeto nulo*, destacando-se com percentual maior de ocorrência segundo o fator animacidade do referente e flexão verbal, e ocorrendo em todas as faixas etárias (de 18 a 35 anos, de 36 a 55 anos e de 56 anos em diante), nos dois gêneros (masculino e feminino), e nos dois perfis de escolaridade (de 4 a 8 anos e de 9 a 11 anos).

Como foram encontradas três variantes para o objeto direto anafórico (pronome lexical, objeto nulo e sintagma nominal), a primeira hipótese, “as variantes clítico acusativo, pronome lexical, objeto nulo e sintagma nominal co-ocorrem na fala dos tefeenses”, não se confirmou totalmente, pois se acreditava encontrar na comunidade linguística as quatro formas de uso desse fenômeno (‘clítico acusativo’, ‘pronome lexical’, ‘objeto nulo’ e ‘sintagma nominal’).

Sobre a frequência das variantes tanto nos condicionadores internos à língua (animacidade do referente e flexão verbal de número), quanto nos externos a ela (faixa etária, sexo e escolaridade), chegou-se a seguinte conclusão: o uso do ‘objeto nulo’ é motivado pelo grupo de fator “animacidade do referente” [-animado] com 91,9% das

ocorrências. É conveniente citar que essa variante conseguiu um percentual expressivo em todos os grupos analisados. O ‘pronome lexical’ também foi favorecido por esse grupo, mas com outro fator [+animado] com 46,9% do total das ocorrências. A terceira variante ‘sintagma nominal’ se mostrou pertinente no grupo “flexão verbal de número”, totalizando 7,3% de casos. Esses resultados foram ao encontro à segunda hipótese levantada: “o uso das variantes do objeto direto anafórico na fala do tefeense tem motivações internas e externas à língua”.

Por outro lado, fazendo uma análise do uso das variantes nos cinco grupos selecionados, a começar pela idade do informante – pode-se dizer que a variante que mais se destacou foi o ‘objeto nulo’, na segunda faixa etária, com 81% de ocorrências, e a menos expressiva foi o ‘sintagma nominal’, alcançando apenas 2,8% das ocorrências. No que se refere à variável “sexo”, a forma que mais se destacou foi também o ‘objeto nulo’ com 79,8% na fala das mulheres, e a outra estratégia menos usada foi o ‘sintagma nominal’ com 3,6% das ocorrências na fala dos homens. Quanto ao fator grau de escolaridade dos informantes, o contexto que mais favoreceu o ‘objeto nulo’ foi a escolaridade de 9 a 11 anos, com percentual de ocorrência em 80,9%; e a forma menos empregada nesse contexto, foi a do ‘sintagma nominal’ com 4,3%, pertencendo ao grupo de fator de 4 a 8 de escolarização.

Em relação à animacidade do referente, a variante que mais foi beneficiada também foi o ‘objeto nulo’ no grupo de fator [-animado] com 91,9% das ocorrências; por conseguinte o ‘pronome lexical’ obteve um menor percentual alcançando 3,8% nesse mesmo contexto do ‘objeto nulo’. Em se tratando do grupo flexão verbal de número, constatou-se que os verbos no singular favoreceram o ‘objeto nulo’ com 79,8% das ocorrências. É importante afirmar que esse fator também foi menos propício ao uso do ‘sintagma nominal’, que apresentou com 4,3% das ocorrências.

Portanto, verificou-se que, em termos de percentuais, os grupos que mais favoreceram o uso das variantes do objeto direto anafórico foram os condicionadores internos à língua, sendo que os dois grupos selecionados foram essenciais para escolha das variantes. Além disso, a investigação mostrou que a comunidade tefeense realiza o objeto direto anafórico na fala de três formas (pronome lexical, objeto nulo e sintagma nominal). Esse resultado reforça ainda mais a tendência do desaparecimento da variante clítico acusativo no português falado no Brasil, em contrapartida a um elevado percentual de ocorrência da variante objeto nulo. O uso do *objeto anafórico nulo* está em consonância com o princípio da economia linguística, visando à praticidade na

comunicação, não comprometendo a memória do falante, e não sobrecarregando o sistema linguístico. Devido às limitações da pesquisa, é possível que seja pesquisado o mesmo fenômeno, com a inclusão de novas variáveis.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alcione Alves de Oliveira de. **Variação morfossintática na Zona Leste de Manaus: um estudo Geossociolinguístico**. 2018. 318 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.
- ARAÚJO, Risonilde Clementino de. **Apagamento da oclusiva dental /d/ no morfema {-ndo} formador de gerúndio na fala envirense**. 2019. 143 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.
- AVERBUG, Mayra Crisitna Guimarães. **Aquisição em português brasileiro: o parâmetro do objeto nulo**. Tese de doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, 2000.
- AZEVEDO, Orlando da Silva. **Aspectos dialetais do português da região norte do Brasil: um estudo sobre as vogais pretônicas e sobre o léxico no Baixo Amazonas (PA) e no médio Solimões (AM)**. Tese (Doutorado) Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, 2013.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta – língua, poder e sociedade**. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. **Gramática pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2011.
- BARBOSA, Quezia Maria Reis de Oliveira. **Um perfil lexical do português falado em comunidades quilombolas em Barreirinha (AM): um estudo dialetológico**. 2013. 179 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- BARROS, Carolina Pinheiro. **O falar do “caboco” paraense: um estudo sobre o léxico nos municípios de Santarém, Oriximiná e Juruti (Baixo-Amazonas-PA)**. 2017. 213 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.
- BATISTA, Bryana Connie Linda Lopes. **Aspectos dialetais do Médio Amazonas: um estudo sobre o léxico**. 2019. 212 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

- BERÇOT-RODRIGUES, Shanay Freire. **A realização da fricativa glotal na fala manauara**. 2014. 98f. Dissertação (Mestrado Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística nasala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRITO, Roseanny Melo de. **Atlas dos falares do Baixo Amazonas - AFBAM**. 2011. 297 f. Dissertação de Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2020.
- CAMPOS, Maria Sandra. **O alçamento das vogais posteriores em sílaba tônica: um estudo do português falado em Borba no Amazonas**. Tese (Doutorado em Linguística) Niterói: UFF, 2009.
- CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipicione, 1998.
- COELHO, I. L. . *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CORRÊA, Hydelvídia Cavalcante de Oliveira. **O falar do caboclo amazonense: aspectos fonético-fonológicos e léxico-semânticos de Itacoatiara e Silves**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC, 1980.
- CORRÊA, Lúcia de Jesus David Dias. **A Realização do objeto direto anafórico na fala do araguaense**. Cáceres/MT: UNEMAT, mestrado em Linguística, 2014.
- CRUZ-CARDOSO, Maria Luiza de C. **Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)**. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas da Faculdade de Letras Língua Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Variação e sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1986.
- DUBOIS, Jean *et ali.* **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- ESPÍRITO SANTO, Suzana Pinto do. **Entoação das frases declarativas e interrogativas totais no português falado em Maués, no Amazonas**. 2014. 119f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

- GONÇALVES, Silvia. **Demonstrativos, dêiticos, anafóricos: duas sincronias em confronto (séculos XVI E XVI)**. 2000. 306 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2000.
- GUY, Gregory. **As comunidades de fala: fronteiras internas e externas**. II Congresso Internacional da Abralín. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001.
- JUSTINIANO, Jeiviane dos Santos. **Atlas linguístico dos falares do alto rio Negro ALFARiN**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LUFT, Celso Pedro. **Moderna gramática brasileira**. 2. ed. São Paulo: Globo, 2000.
- LUZ, Cláudia Norete Novais. **Velejando sobre as águas da retomada anafórica do objeto direto: um cruzeiro na fala em salvador**. Salvador, 2009.
- MAIA, Edson Galvão. **Atlas linguístico do sul amazonense – ALSAM**. 2018. 310 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.
- MALVAR, Elisabete da Silva. **A realização do objeto direto de terceira pessoa em cadeia anafórica no português do Brasil**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB, 1992.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo *et al.* **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.
- MARTINS, Flávia Santos. **Variação na concordância nominal de número na fala dos habitantes do Alto Solimões (Amazonas)**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, 2013.
- MARTINS, Germano Ferreira. **A alternância tu/você/ senhor no município de Tefé- Estado do Amazonas**. Brasília: UNB, mestrado em Linguística, 2010.
- MARTINS, Joyce Camila. **A nasalização variável de vogais na fala manaura**. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Artes e Turismo. Universidade do Estado do Amazonas-UEA. Manaus, 2018.
- MATOS, Maria Zelma Menezes de Santana. **A expressão do objeto direto anafórico nos falares urbanos itabienses**. Dissertação de Mestrado, Araraquara: UNESP, 2005.
- MOLLICA, Maria Cecília. BRAGA, Maria Luíza. *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010.

- MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- NEIVA, Nordélia Costa. **Objeto direto anafórico de 3ª pessoa na fala culta de Salvador: o clítico em desuso**. Salvador, 2006.
- NUNES, Jairo. **Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro**. In: KATO, Mary A. & ROBERTS, Ian. (orgs.) *Português brasileiro — uma viagem diacrônica*. Campinas, UNICAMP, p. 207-220, 1993.
- OMENA, N. P. de. **Pronome Pessoal de Terceira Pessoa: Suas formas variantes em Função Acusativa**. Dissertação de mestrado. PUC, Rio de Janeiro, 1978.
- PEREIRA, Maria das Graças Dias. **A variação na colocação dos pronomes átonos no português do Brasil**. Dissertação de mestrado, PUC-SP, 1981.
- PESSOA, Protásio Lopes. **História da Missão de Santa Tereza D Avila dos Tupebas, Tepé, Tephé, Teffé, Tefé**. 1º Ed. Novo Tempo. Manaus, 2006.
- QUARA, Ariel Regina Guimarães. **As vogais médias pretônicas no falar de Manaus (AM)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas, 2012.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- SÁ, Edmilson José de. **Estudos de variação linguística: o que é preciso saber e por onde começar**. São Paulo: Texto novo, 2007.
- SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa Gramática: teoria**. 11. ed. São Paulo: Atual Editora, 1999.
- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X: a multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Ottawa: Department of Mathematics, 2005.
- SANTOS, Tatiana Belmonte dos. **Descrição da nasalidade no município de barreirinha, comunidade do Andirá, no Amazonas**. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.
- SCHAEKEN, Raimunda Gil. **Centenário da presença Espiritana na Prelazia de Tefé**. Manaus, 1997.
- SCHERRE, M. M. P. **Introdução ao Pacote VARBRUL para microcomputadores**. Brasília, UNB, 1993.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul**. In: Mollica, M.C.; BRAGA, M. L. (Orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo-SP, Editora Contexto, 2012, p. 147-177.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Paralelismo Linguístico**. Revista de estudos da linguagem. v 7, n 2, p. 29-59, jul/dez, 1998a.

SILVA, Lúcia Helena Ferreira. **Comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ nos municípios de Itapiranga e Silves**. Manaus-UFAM, 2009. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia).

SILVA, Maria Cristina Vieira de Figueiredo. **O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro**. Salvador: UFBA, mestrado em Letras, 2004.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Conceição da. **Interferência da fala na escrita de alunos do ensino médio: descrição e análise de usos de Monotongação e de Apagamento do [R] final**. 2017. 164 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

SIMAS, Ana Augusta de Oliveira. **O gerúndio na expressão de tempo futuro na diversidade do português do manauara**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Amazonas. Manaus, 2016.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2007.

TAVARES. Bruna Kellen Almeida. **O comportamento da vogal tônica posterior média fechada /o/ e das vogais pretônicas /e/ e /o/ no falar manauara**. 2019. 140 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

TAVARES, Liliame Sampaio. **Atlas Morfossintático da Microrregião do Madeira - AMSIMA**. 2017. 259 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

TORRES, Francinery Gonçalves Lima. **A realização das variantes palatais /ɲ/ e /ç/ nos Municípios de Itapiranga e Silves (Parte do Médio Amazonas)**. 2009. 71 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

APÊNDICE I – Roteiro para Entrevista na comunidade Tefeense**- Perguntas:**

- Conversa prévia (ficha social): nome, idade, escolaridade, quanto tempo mora na cidade, etc.

- Perguntas:

- 1) Gosta da cidade em que mora? Por quê? É um bom lugar para se criar os filhos?
- 2) Caso trocasse esta cidade por uma outra, qual seria?
- 3) Conhece alguma coisa sobre a história da cidade? Relate. Conhece alguma lenda da cidade?
- 4) O que mais gosta na cidade?
- 5) Qual o padroeiro da cidade?
- 6) Que eventos são promovidos na cidade? Qual mais gosta?
- 7) Conte algum fato interessante que aconteceu na cidade.
- 8) Qual o teu meio de transporte? Qual o trajeto que você faz para chegar na escola, igreja, feira ou supermercado?
- 9) Lembra da casa onde morava na infância? Tinha irmãos? Que tipo de brincadeira era costume naquela época?
- 10) Já passou por algum perigo de morte? Ou alguém da família? Alguma doença?
- 11) Sobre encontros em família: costumam se encontrar frequentemente? Conte como são alguns desses encontros.
- 12) Aconteceram muitas mudanças na sua cidade?
- 13) Relate um fato interessante/ intrigante acontecido ocorrido na escola.
- 14) Conhece muitos casos de namoro/ fixação entre seus/ teus colegas? Relate alguns interessantes. E você/ tu já namorou/ ficou com algum colega?

- 15) Tem muitos amigos aqui no bairro? Eles moram aqui perto? Vocês se encontram com frequência?
- 16) Participa de algum grupo (futebol; esporte; folclore; de jovens; de idosos; igreja; na comunidade; escola? Qual o seu/teu envolvimento com esse grupo?
- 17) Você sabe cozinhar? O que sabe fazer? Como se faz?
- 18) Você sabe me dizer qual o processo para se fazer a farinha?
- 19) O que leva um jovem a usar drogas?
- 20) Qual é a sua rotina?
- 21) Você assiste televisão? Qual o seu programa predileto?

APÊNDICE II – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Gostaria de convidá-lo (a) para participar da pesquisa intitulada “**A Variação do Objeto Direto Anafórico na Fala dos Moradores do Município de Tefé – AM**”, que será realizada pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Esta pesquisa será realizada no município de Tefé (AM). Eu, Ana de Nazaré Egas Praia, sou o (a) responsável pelo projeto e sou orientada pelo prof. Dr. Orlando da Silva Azevedo, da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Peço, portanto, a sua autorização para gravação de uma entrevista. Você foi escolhido (a) porque reside na localidade selecionada para a pesquisa e porque se encaixa nos critérios deste estudo.

Se você autorizar esta entrevista, a gravação será utilizada para análise de sua fala e contribuirá muito para meu trabalho. Se depois de autorizar a entrevista, você não quiser que sua gravação seja usada, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da gravação, independente do motivo e sem prejuízo do atendimento que está recebendo. Você não terá nenhuma despesa e também não ganhará nada. A sua participação é importante para o melhor conhecimento do português falado na cidade de Tefé.

Os resultados da pesquisa serão analisados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em segredo.

Caso necessite de mais informações sobre esta pesquisa, poderá entrar em contato a qualquer momento, dirigindo-se ao Curso de Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas, localizado à Avenida Gen. Rodrigo Otávio Jordão Ramos, 3000, Coroado I (Campus Universitário), ou pelos telefones (92) 3647-4389, 3647-4377.

Consentimento Pós-Informação:

Eu, _____, fui informado (a) sobre os objetivos do pesquisador e sobre a importância da minha colaboração. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.

Assinatura do participante



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar.

_____ / ____ - ____ - ____

Pesquisador

Data

APÊNDICE III – FICHA DO INFORMANTE

Código:

Nome:.....

Gênero (sexo): Faixa Etária: Idade:

Local de Nascimento:

Estado Civil:

Escolaridade:

Morou sempre no local? () Sim () Não Onde?

Quanto tempo?

Profissão:

Aparelho Fonador: () Bom () Com problemas Qual?

Características Psicológicas: () Nervoso () Tranquilo () Espontâneo

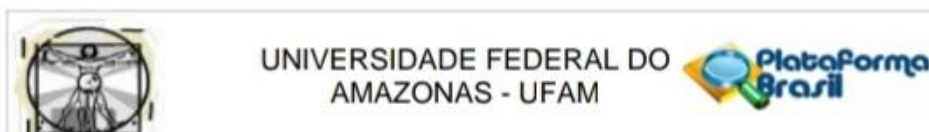
Naturalidade da Mãe:

Naturalidade do Pai:

Naturalidade do Cônjuge:

Quais municípios do Amazonas conhece?

Quais outros estados/países conhece?.....

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NA FALA DOS MORADORES DO MUNICÍPIO DE TEFÉ

Pesquisador: ANA DE NAZARE EGAS PRAIA

Versão: 1

CAAE: 25422719.2.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Letras -Flet

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 147626/2019

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto A VARIAÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NA FALA DOS MORADORES DO MUNICÍPIO DE TEFÉ que tem como pesquisador responsável ANA DE NAZARE EGAS PRAIA, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Federal do Amazonas - UFAM em 11/11/2019 às 12:48.

Endereço: Rua Teresina, 495

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com